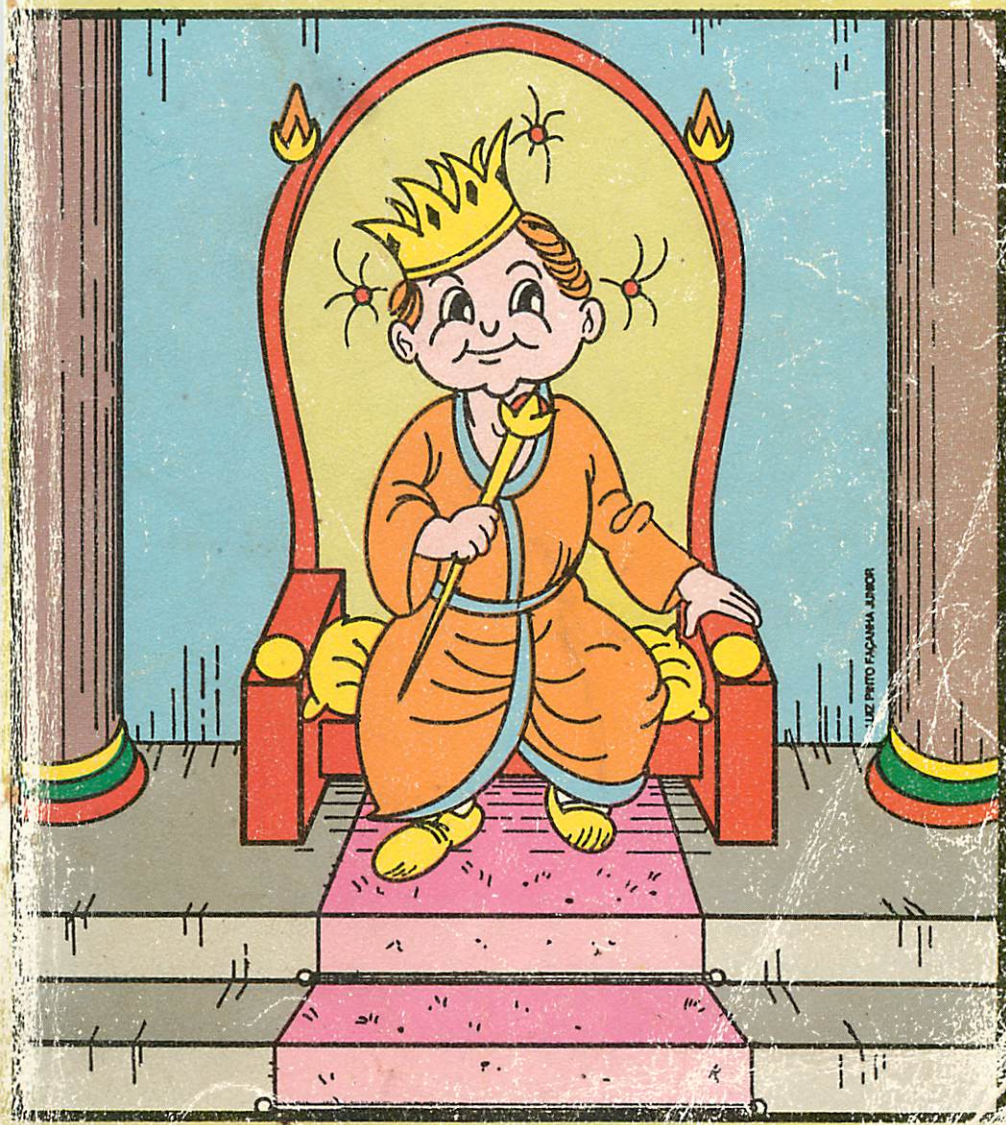


PROCURANDO "O PEQUENO PRÍNCIPE" (MEMÓRIAS DA INFÂNCIA)



PROCURANDO
"O PEQUENO PRÍNCIPE"
(MEMÓRIAS DA INFÂNCIA)

Carlos Gomes de Carvalho Leite

A Edison
com afetos do
procurinho
Carlos Leite
Maio 92.

"Não, não vou à minha terra para matar saudades. Não, isso não. Seria diluí-las, destroçá-las. Vou reviver saudades, dando-lhes mais viço e mais alento, para que não se me desfaçam na memória".

Josué Montello

DADOS BIOGRÁFICOS

O Dr. Carlos Gomes de Carvalho Leite nasceu em Aracaju, capital de Sergipe, a 20 de fevereiro de 1923, sendo filho do Dr. Leonardo Gomes de Carvalho Leite, renomado jurista e advogado de prestígio em Sergipe e de D. Maria Delmira de Faria Leite, de tradicional família baiana, radicada em Jandaíra.

Estudou no Colégio Salesiano, de Aracaju, de 1932 a 1941, onde fez os antigos Cursos Primário e Ginásial para, em 1942, fazer, no Atheneu Sergipense, o Curso Complementar. Diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito, da Universidade Federal de Alagoas.

Em fevereiro de 1951 foi nomeado Preitor Municipal de Santa Luzia do Itanhê. Nesse mesmo ano, após aprovado em Concurso Público, foi nomeado Promotor Público da Comarca de Itabaiana. Em 1955 foi promovido a Promotor de 2ª Entrância de Estância, onde permaneceu até 1969, quando foi removido para 4ª Promotoria da Comarca de Aracaju.

Em 1973 foi nomeado Secretário de Estado da Segurança Pública, no Governo Paulo Barreto de Menezes, cargo que exerceu com a dignidade de sempre até 1975. Em 1979 passou a ser Promotor Curador de Menores, até ser promovido a Procurador de Justiça, em 1982, em cujo cargo se aposentou no mesmo ano, por todos querido e elogiado pela seriedade com que exerceu o **munus** dos cargos que ocupou e pela lhanesa no trato com colegas e amigos.

Em 1985 foi nomeado Procurador Geral de Justiça pelo Governador João Alves Filho, função que exerceu com a seriedade, eficiência e humildade, características que ornaram seu caráter de homem bom e sério.

É casado com D. Maria Luiza Lessa de Carvalho Leite, com quem teve 2 filhos: Luiz Leonardo Lessa de Carvalho Leite e Miguel Carlos Lessa de Carvalho Leite.

APRESENTAÇÃO

Os fatos narrados, os conceitos expedidos e os valores consagrados pelo Autor deste Livro, o sempre querido e respeitável Procurador de Justiça CARLOS GOMES DE CARVALHO LEITE, trazem a marca do seu espírito superior e sensível adornando com as tintas da saudade – “ponte encantada entre o passado e o presente – a história das pequeninas “Cepa Forte” e “Chapada dos Índios”, atuais Jandaíra (BA) e Cristinápolis (SE), respectivamente.

O tempo que a nada poupa não foi suficientemente forte para apagar, na memória do Autor, os usos, costumes e tradições daquela gente simples de interior e da zona rural. A solidez da célula familiar, o convívio leal e fraterno, o sentimento de solidariedade e a espontaneidade das manifestações de afeto, os sonhos e a pureza da criança se anelam, no pensamento do Autor, como ingredientes inseparáveis da vida em sociedade. E a busca da harmonia perdida; e o reencontro com os ideais mais sublimes; e a crença na candura como veste natural do homem; e a certeza no primado do justo e do bem parecem integrar a mensagem de esperança ... esperança de vida confiança nos homens.

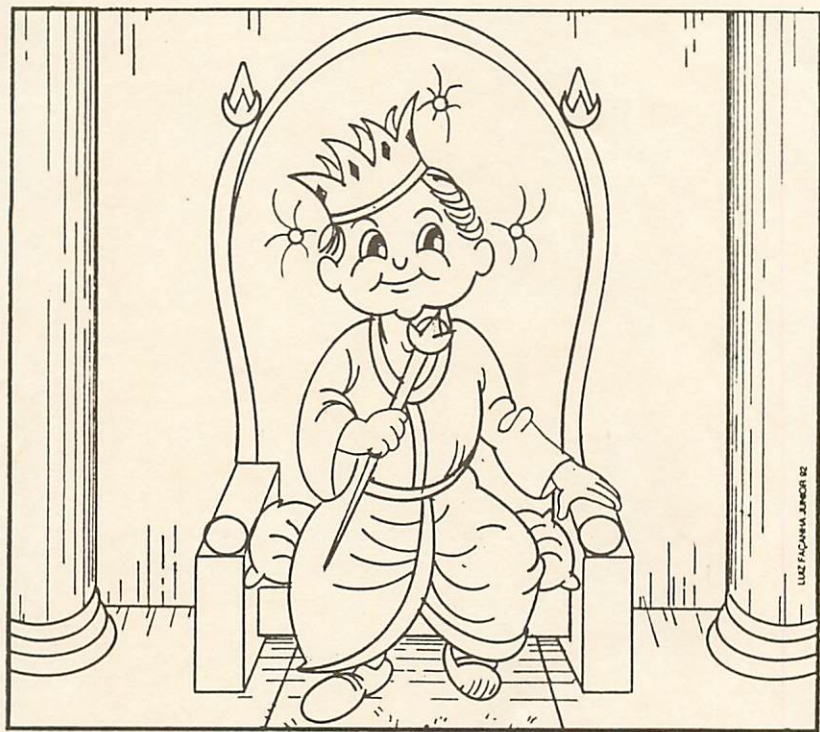
Conforta-nos e, certamente, enlevará aos que tiverem o privilégio da leitura, e exemplo edificante de simplicidade e de humildade do Autor. A “sala de visitas” que já não existe, ao menos pela lembrança servirá para aquecer, como já o fora, as elevadas manifestações da alma humana. E “o espírito superior, indiferente ao escoar inexorável do tempo, não se sente envelhecer com a perda dos seus ideais, com o aniquilamento das suas ilusões e com o abandono dos seus sonhos” (MALBA TAHAN).

É assim que compreendo o Autor... assim que interpreto seu pensamento... assim que lhe rendo homenagem.

Gilberto Vila-Nova de Carvalho
PROCURADOR DE JUSTIÇA

ÍNDICE

1 - Procurando o "Pequeno Príncipe"	9
2 - Rumor às Férias	15
3 - Os Quadros da Morte	21
4 - Os Passeios (I)	25
5 - Os Passeios (II)	31
6 - Expectativa d'uma Visita Indesejável	37
7 - A Matriz de São Francisco	41
8 - 60 Anos Depois	45
9 - Todos nós Somos Culpados	49
10 - Tipos Inesquecíveis (I)	53
11 - Tipos Inesquecíveis (II)	59
12 - Cepa Forte	65
13 - Os Pequenos Inventores	71
14 - A Tresloucada de Saudade	77
15 - As Serenatas	83
16 - As Contadoras de Estórias	89
17 - Origem da Chapada: História e Lenda	95
18 - As Clãs da Chapada	101



Procurando o “Pequeno Príncipe”

Recordar é viver. É fazermo-nos criança e brincar outra vez com sonhos e esperanças.

Poderá alguém perguntar. - Por que o Dr. Carlos quase sempre aparece em Cristinápolis, se não possui, neste Município, qualquer propriedade que justifique sua presença aqui?

Responderia a este alguém.

- Venho procurar e visitar o "Pequeno Príncipe" que minha infância e adolescência deixaram aqui. Conversar com ele num monólogo saudosos. Relembrar a Cristinápolis de antanho, que não era ainda Cristinápolis, mas Chapada dos Índios. De mãos dadas, "ele" e eu, percorrer o salão, os quartos, a cozinha e a malhada da casa de minha avó, Sinhá Donana da Chapada. Visitar a casa da vizinha D. Ana Dias, rir das diabruras de sua filha Dedé, procurar Maria, que sempre se escondia da gente e admirar os carinhos da meiga Lindinha, à mãe.

Assistir "seu" França em sua tenda de ferreiro bater a marreta na bigorna. E o fole acendendo as brasas...

Andar de velocípede na rua da Canabrava à tarde, após o banho na Gamela. Correr "com a camisa aberta ao peito atrás das borboletas azuis", nas malhadas de "Seu" Zé Carpina, de Luiza Faria e de "Seu" Geminiano.

Beber, numa cuia de cabaça, o caldo de cana do cocho da Usina Piáus, então de propriedade de meu pai, Leonardo Leite, ou comer mel de engenho com inhame que D. Sinhorinha, mãe de José Tino, Alice e Santinha, havia mandado.

Comprar cinco bombons por um tostão, na bodega de "seu" João Ranulfo, na esquina da rua Jibóia.

Experimentar o mel de abelha, de "Seu" Antônio Cotias.

Assistir a chegada de D. Filomena da Murta, viúva do Cel. Otávio Leite, num "carro de bois" toldado de esteiras de tabua, puxado por uma junta de bois pretos.

Minhas fugas à casa de "Seu" Antônio e D. Alexandria, avós de D. Rizete e Rosa de João Gabriel a quem também chamava de avós. De lá, passava para casa de "Seu" Júlio Dias, avô de José de Berilo.

Saborear as jacas dos quintais das casas de "Seu" Terto e Chico Paulo, comprar carambola na casa de "Seu" Furtuna, chupar os caju da malhada de Luiza Faria, Tia de Pedro Faria, onde brincavam de "picula".

Contemplar admirado, as gaiolas cheias de passarinhos no alpendre da casa de "Seu" Ramiro, avô dos Oliveira, lá no fim da rua das Galinhas...

Testemunhar o amor ao trabalho imprimido por D. Rosinha da Canabrava, nos seus filhos: Raimundo, Pedro, Chico e João Dias.

Olhar com respeito a figura patriarcal de "Seu" João Reis, pai de Epaminondas e Maninho.

Receber os carinhos da velha cega Luiza Canário, cujo filho, chamador de boi, morreu esmagado sob as rodas de um carro carregado de sacos de açúcar dos Piáus, bem perto do Geru. No local de acidente fatal, cumprindo uma promessa, "Seu" Nelson Góis construiu uma "Santa Cruz", ela, a cega, tributava em mim as carícias que deveria ser do filho morto, que era de minha idade.

E o medo que tinha do louco Galdino! ...

E o anão Conrado, que só tomava banho quando vínhamos passar as férias.

O banho de Conrado era dado pelo meus irmãos Raul e Adalberto . Era uma festa, esse banho!...

Meus companheiros de folgedos: Solon Monte Alegre, sobrinho de D. Nair Reis, responsável pelo Correio e Irmão do escritor Omer Monte Alegre; Maneca de "Seu" Belo, que casou com 15 anos de idade; Zé de Flora; Cabinho; Zezito e Nilo, filhos de "Seu" Marciano; José, João, Antônio e Raimundo, hoje meu compadre, filho da velha Brasilina e outros que me escapam à memória.

O sino da Matriz badalando as "Ave-Maria", tocado pelo velho sacristão Chiquinho de Luca.

Nas segunda-feira, a Feira Livre na Praça Matriz, as casas comerciais de Odilon Mont'Alegre; Nelson Góis, Aurino, Chico Dias, Elizeu, "Seu" Augusto e Ana Dias, todas cheias de fregueses. O dinheiro naquela época valia alguma coisa...

Nesses dias chegavam os fazendeiros da vizinhança: os irmãos Tomé, Raimundo e Antonino, primos de meus pais; o Major Zeuxes, de Nova Esperança: Dr. Beija Fontes, do Riachão; os irmãos Antônio e Manoel Gil; "Seu" Zezé, do Paiaíá; Pedro do Bugiu; Lourival Costa e outros.

No meio da Praça, debaixo de um grande telheiro, reuniam-se os feirantes, dia que meus dentes de leite mastigavam os "rosários" de amendoim ou ouricuri, com apetite de criança.

E à noite, na Matriz, a voz vibrante de Maria Tude, evocando o "Senhor Deus".

A festa de São Francisco! 04 de outubro. A Igreja cheia. Batizados, crismas e casamentos. À tarde, a procissão, carregando o andor do padroeiro, que fora ornamentado por D. Nair Reis, minha irmã Didí, e as filhas de "Seu" Joaquim Menino: Noemia e Isolina. Todos os atos oficiados pelo então vigário Pe. Vieira, recentemente falecido.

Perdoe-me, meus Senhores, principalmente os jovens, este monólogo que tenho sempre com o meu "Pequeno Príncipe", porque talvez não lhes interessem fatos do passado, mas, era a Chapada dos Índios do meu tempo de criança e adolescência, sempre eterna no meu coração de criança, de adolescente e de adulto.

Entretanto, como assinalou o poeta Olavo Bilac:

"Não choremos, amigos, a mocidade.

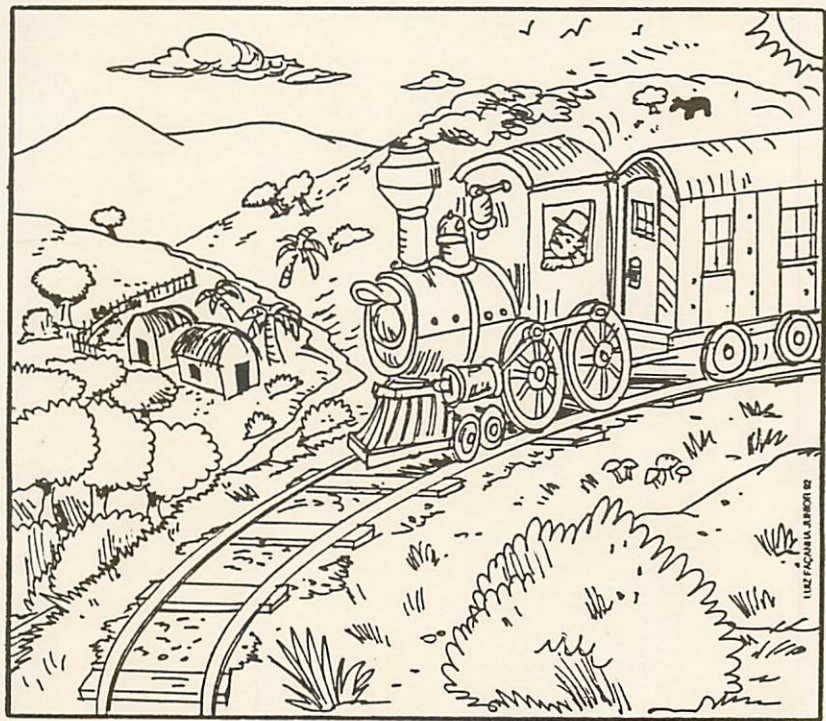
Envelheçamos rindo, envelheçamos como as árvores fortes envelhecem.

- na glória da alegria e da bondade,
agasalhando os pássaros nos ramos,
dando sombra e consolo aos que padecem!"

"O essencial é invisível para os olhos, só se vê bem com o coração". É assim que vejo Cristinápolis, com o coração, pelo coração e no coração. Daí que vocês não entendem minha presença sempre com vocês, porque o essencial desta presença foge aos olhos dos outros. Só meu "Pequeno Príncipe" vê e sente, porque ele é saudade. E saudade, é a vontade que tudo volte.

"Nós todos somos responsáveis pelo que cativamos".

E Cristinápolis me cativou, por isso sou responsável por ela.



Rumo às férias

Nas décadas de vinte e de trinta, passávamos o ano letivo em Aracaju, onde nosso pai, Leonardo Leite, exercia, com bastante êxito, a profissão de advogado e meu irmão Raul e eu estudávamos, como alunos do Colégio Salesiano, localizado na "Tebaidinha", hoje bairro Cirurgia, onde continua ainda a exercer suas atividades educacionais.

Ao aproximar-se o mês de novembro o vento "nordeste", já nos anunciava - mesmo antes das provas finais - que as desejadas férias avisinhavam-se. Fazíamos nossos projetos de lazer para as férias, ao mesmo tempo que "queimávamos as pestanas" estudando para as provas. Comunicávamos ao papai quando teríamos férias, a fim deste providenciar as suas e marcasse o nosso embarque para Vila Cristina, a querida Chapada dos Índios.

Haviam, na época, dois meios de transporte para chegarmos à Chapada: de Trem da "Leste Brasileira" até Geru e de "Forbica", do mestre Leonídio da Serragem, que papai mandava vir para nos conduzir.

A viagem de Trem era mais divertida para nós crianças. As "classes" eram muito mais espaçosas do que os automóveis. Podíamos ficar em pé, caminhar, e mesmo sentar-nos com mais conforto.

No automóvel, além de ficarmos apertados e com mamãe enjoando, as paisagens das estradas não atraíam a nossa curiosidade infantil. Na "Forbica", viajavamos sozinhos. No Trem, iam pessoas "desconhecidas", que acabavam "conhecidas" ao término da viagem. As vezes nasciam ali até amizades...

Pela ferrovia haviam mais atrações que satisfaziam a imaginação da criança. O Trem, andando o mais rápido que podia sobre os trilhos, ocasionando um som quase humano, que nós traduzíamos em: "café com pão, manteiga não; café com pão, manteiga não"...

Pela janela da "classe" víamos os fios da rede Telegráfica, que margeavam a linha férrea, subindo e descendo, conforme a aproximação ou afastamento dos postes; as árvores e montes, passando correndo, parecendo esconderem-

se atrás da "composição". As breves paradas nas "Estações", com pessoas vendendo as especialidades da terra: São Cristovão, as famosas "moquecas" e "queijadas"; Itaporanga, camarões e bolinhos; Salgado, pombos assados e brôas de tapioca; Boquim, beijos, "pés-de-moleque" e frutas; Pedrinhas, bolinhos e "pirulitos"; Itabaianinha, o anão "Quita" entrando nas "classes" para vender "A Tarde" da Bahia, do mesmo dia; finalmente Geru, o término da viagem.

A descida era rápida; o Trem só parava dois minutos. Quando pequenino, papai entregava-me pela janela da "classe" ao guarda-freios Tibério, e este recebia-me nos braços e colocava-me de pé na plataforma da Estação.

Após o desembarque de todos e da bagagem - que não era pouca - o "Trem" partia rumo a Salvador.

Junto à Estação estavam as "montarias" e o "carro-de-bois", que nos conduziam à Vila Cristina.

As viagens realizadas na "Forbica", do mestre Leonfídio, eram insípidas. Saíamos geralmente às seis ou à sete da manhã até Estância, onde almoçávamos no Hotel Vitória, de Juca Nunes, casado com Pequena, prima de meus pais.

Em Estância, papai aproveitava para encher duas latas das famosas bolachas estancianas, vez que, na época, não existia padaria em Cristina.

Após descansar o almoço, lá pelas quatorze horas continuávamos a viagem na "Forbica". A estrada, à partir de Estância era quase carroçável e obedecia uma direção diferente do atual trecho da BR-101, que liga a Princesa do Piauítinga à terra dos Paiaiaís.

Naquela época, ia-se em direção de Santa Luzia, mas, nas proximidades da Usina Castelo, tomava-se à esquerda, rodando entre seus canaviais até ao "Taboleiro dos Cágados"; após atravessá-lo, atingia-se os "Campinhos" de "Seu" Manuel Augusto Góis; rodava-se pelas terras do "Paiaiaí" de "Seu" Zezé e pelas terras da Jibóia de "Seu" Trajano. Finalmente, lá pelas "Ave-Maria", chegava-se à Velha Chapada.

Após um banho reparador, jantávamos pirão de leite com carne-do-sol assada na nata do leite. Bebíamos a água da "Fonte dos Caboclos" (Manoel Joaquin), onde,

"Como uma voz que em segredo

Reza em momentos de mágoa,

Sai gemendo um fio d'água

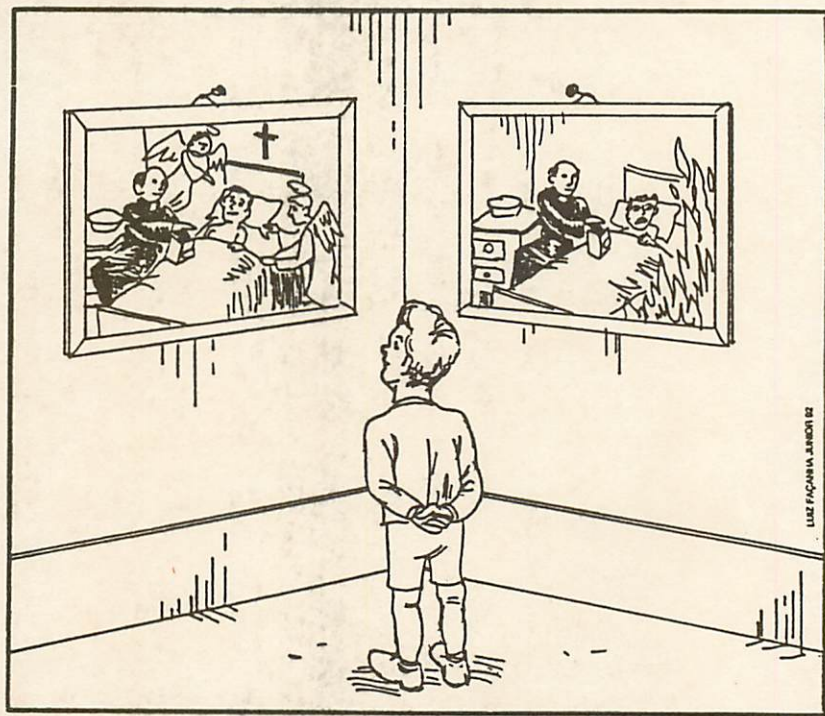
do coração do rochedo"

lamos dormir nas camas de ferro, com colchões de fibra de côco, forrados

com alvos lençóis, travesseiros de marcela e cobertas de "taco", que nossa avó Donana havia preparado.

No dia seguinte tínhamos muita coisa a fazer:

Tornar realidade, o que havíamos sonhado durante o ano.



LUIZ FACANHA JUNIOR 82

Os Quadros da Morte

As palavras, como expressão do pensamento, não possuem, em si mesmas, a capacidade total de apresentar a realidade, tal como ela é, porque exprimem simbolicamente o fato ou o assunto que desejamos transmitir às gerações que ainda não acumularam uma ampla experiência da vida. É por isso que, às vezes, falando a mesma língua, nem sempre o adulto está falando a linguagem que seria necessária para fazer-se compreendido pela criança. Daí, é que o exemplo vale mais que a palavra. Mesmo nos processos jurídicos, os documentos valem mais para o julgador, do que os depoimentos das testemunhas. Os oradores levam as crianças ao abstrato. Os artistas as ensinam a olhar o concreto.

"A Arte é o caminho mais curto d'um homem a outro".

Assim, se alguém quisesse descrever-me em palavras, quando criança, a diferença entre a morte do justo e do pecador, não obteria o êxito de impressionar-me, que alcançou o autor dos dois quadros que existiam pendurados na parede da Sacristia da Igreja Matriz de Cristinápolis, antes da reforma realizada pelo Padre Arnaldo Conceição, com a ajuda dos irmãos Dória e da comunidade, em 1970.

Em um dos quadros, via-se, em seu leito, um moribundo, semblante calmo e resignado, voltado para o sacerdote, como se estivesse ouvindo dos lábios do ministro de Deus, uma mensagem de Esperança. Circundando sua cama, anjos e querubins pareciam cantar hinos de Aleluia. Representava este quadro a "Morte do Justo".

No outro, do mesmo tamanho e formato, representava um moribundo, também assistido por um sacerdote, mas que entretanto parecia ignorar a sua presença, com semblante angustiado, voltado para o lado oposto do ministro de Deus, para distrair-se com as figuras dos satanás e diabinhos que haviam em volta do seu leito. Este quadro representava a "Morte do Pecador".

Hoje, não sei que fim deram a esses quadros. Não os vi mais, após a reforma da Igreja. Mas, se eles me impressionaram na infância, tiveram a virtude de fazer-me um bom cristão.

Uma das mais gratas recordações que tenho do tempo de criança foram os passeios que realizava com meus irmãos às propriedades de nossos primos.

Os domingos, do período das férias em Cristinápolis, eram sempre aproveitados para essas visitas. As viagens feitas, na maioria das vezes, em Carro de Bois e a cavalo, ou no Ford 29 do major Zeuxes, tinham algo de encantador em sensibilidade de criança.

Íamos à "Murta de Cima", onde a "madrinha" Filomena, viúva do Cel. Otávio Leite, nos recebia carinhosamente. Em companhia da "madrinha", viviam suas filhas solteiras, Teté e Edite, que criavam a sobrinha Stael (Tatá), filha do major Zeuxes, hoje virtuosa esposa do Des. João Fontes de Faria. Tomávamos banho no rio Real, que cortava o pasto. Saboreávamos a moqueca de Traíra feita pela Edite e, à sobremesa, o delicioso doce de groselha em calda. Visitávamos a capelinha de Santo Antônio, localizada sobre o morro, bem à frente da Casa Grande.

Quase todos os proprietários da região, ou eram filhos ou genros da "madrinha" Filomena. Essas propriedades eram interligadas por um serviço particular de telefones de manivela, instalados pelo "engenheiro", seu Leonídio da "Serragem". Era costume, todas as manhãs, a "madrinha" telefonar aos seus filhos para os abençoar e saber notícias. Até hoje lembro-me das "chamadas": dois toques era a Murta de Cima; três, nova Esperança; quatro, São Bento...

Passeávamos na "Murta do Meio", de propriedade do Senhor Oséias Batista, na época Prefeito de Cristinápolis, onde éramos recebidos alegremente por sua esposa Yasinha e seus filhos Adelvan, Adnólia, Antônio (Tutu), Osmário, Oseinhas, Dilson e Edney. Mais tarde, quatro deles chegaram a ser Prefeitos, de Itabaianinha (Adelvan, Oseinhas e Dilson), de Umbaúba (Adelvan) e de Canavieiras, na Bahia (Osmário).

Não poderei, nesta oportunidade, olvidar um acontecimento ocorrido, cujas personagens foram meu irmão Raul, Oseinhas e eu. Estávamos em Aracaju.

Oseinhas preparava-se para o temível exame de admissão. Não sei por que cargas d'água, resolvi assustar meu primo, dando-lhe uma notícia infundada de que sua mãe havia morrido. Lógico que ele começou a chorar. Raul, que chegava no momento e sabedor do motivo da choradeira, revoltou-se contra a descabida brincadeira, afirmando que o seu autor merecia uma surra. Respondi que ele não era homem para cumprir o prometido. Nesse exato momento aparecia minha mãe que, ciente do fato, e para manter o respeito dos irmãos mais novos aos mais velhos, entregou a Raul a palmatória e ordenou ao mesmo, que me "exemplasse". Naquela época meu irmão tinha 18 anos, e eu estava nos meus 11 anos. Bastante nervoso, Raul cumpriu o determinado, mas até hoje não sei quem mais sofreu naquela ocasião, se o coração bondoso do meu irmão ou as minhas pequenas mãos. Mas, o importante é que a hierarquia fora mantida.

Da "Murta do Meio", recordo, também, o gosto adocicado de suas limas.

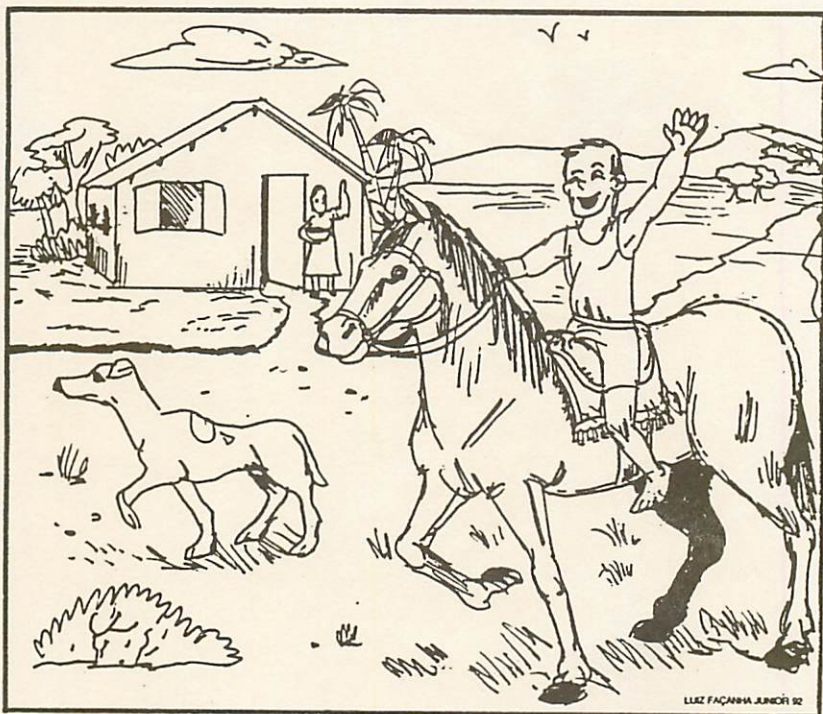
Para passármos o dia na "Nova Esperança", o Major Zeuxes mandava o seu Ford 29, dirigido pelo seu filho Benício. Em "Nova Esperança", como nas "Murtas", o rio Real passa no meio do pasto. Era um lar que esbanjava alegria. Uma casa de jovens, apesar da presença respeitosa de velhos.

A esposa de Zeuxes, Santinha, sempre bondosa com todos, comandava os afazeres domésticos. Muitos filhos, portanto, muitos primos. A atenciosa Dilua (Lourdes); Filomena (hoje viúva do meu primo sempre lembrado Tashino); Ana (viúva de Rolando Rollemberg); Otávio (falecido ainda jovem), o travesso Benício, companheiro de meu irmão Raul, em suas proezas (chegou um dia a pular a janela da sala que dava para o quintal, montado num carneiro), a carinhosa Nira, que há anos não vejo; Zeuxes filho (Bêbê), meu companheiro de folgedos; a gordinha Maria; a mimosa Tereza e o pequenino Manuel Benjamim. Lembro-me das velhas (não eram tão velhas, ainda), Tapuia, Sinhá e Sinhasinha, que auxiliavam Santinha no policiamento doméstico. As moças e os rapazes dançando no salão, ao som de uma vitrola. Os meninos correndo no alpendre, sob o olhar vigilante de Chico Vaqueiro.

Outro lugar onde fomos sempre, era os "Campinhos" de seu Manoel Augusto. Recordo as horas felizes que lá passávamos. Sua esposa D. Tércia nos enchia de carinho. Seus filhos Ivone, Ninita, Francisco, Nesito (hoje falecido) e Pedro, não mediam esforços para atender nossos caprichos de criança. Não eram nossos parentes, mas nos ligavam laços afetivos, em razão de seu filho Pedro (Piroca), a quem tínhamos como irmão, conviver sempre conosco.

Dos "Campinhos" guardo a lembrança de suas saborosas carambolas e laranjas de "umbigo".

E o "São Bento", de meus saudosos padrinhos Bentinho e Stael? Este merece uma crônica à parte. Lá, não passava um dia somente, mas, sim, quase a metade das férias.



Os Passeios (II)

Em princípio de dezembro iniciavam-se as férias escolares. Meus pais mandavam-me para a fazenda "São Bento" no município baiano de Barracão (hoje Rio Real), de propriedade de meu padrinho e parente Dr. Bento Alvino Dantas de Carvalho - Dr. Bentinho, a fim de aguardar ali a chegada deles de férias, na Chapada ou em Cepa Forte (hoje Jandaíra). Embarcavam-me no "Trem Azul" ou no "Estrela do Norte", na Estação da Leste em Aracaju, com destino a Barracão, sob a responsabilidade do "Chefe do Trem". Ali era esperado pelo Climério, "agregado" de confiança de meus padrinhos, com Tôni, "o meladinho", devidamente arreado. Montado no Tôni, com a cabeça "no tempo", sentindo o vento batendo no rosto, vencia em cinquenta minutos as duas léguas que separava o "São Bento", de Barracão. O bater da cancela do "pasto da porta", os cantos dos "quero-quero" e os latidos de Vampa anunciavam aos meus padrinhos e aos seus filhos Tarzinho e Ninita a minha chegada. Todos dirigiam-se à porta do oitão da Casa Grande para receber-me. Por não haver outra criança em casa, eu era o centro de toda atenção e carinhos dos que habitavam aquele lar tão feliz!... Ali, eu reinava com toda a minha majestade infantil. Aprendia com meu padrinho Bentinho a fazer palitos de japecanga, sua principal distração, e ouvia com atenção os seus conselhos. Era um homem de extraordinária inteligência e virtudes. Cantava a "Serra da Mantiqueira" para a madrinha Stael, o que a fazia relembrar o período, quase recente, que seu filho Benjamim esteve servindo, como médico, as forças legais (?) na Revolução Paulista. Admirava o cuidado de Ninita com a limpeza da casa, especialmente com o piso de cerâmica alva. Sempre coadjuvada nesse trabalho pela Josefa Pequena, então Josefa de Bibiano. Assistia à tardinha, Tarzinho, após um dia cansativo na roça, sentado na calçada do oitão, limpar os dentes com fumo, feito especialmente para tal fim. À noite ele saía montado num burro castanho, para a "Nova Esperança" a fim de jantar com Filomena, sua noiva.

Recordo-me de Josefa Grande, mulher de Zé Damásio, carreiro da fazen-

da. Da cozinheira Almerinda, de seu filho Gilberto, que chamava os “pés de figo benjamim”, que ficavam no fundo da casa, de “pés de figo do meu padrinho Dr. Benjamim”, de Zé Novo, trazendo o leite do curral ou buscando água de beber na fonte montado num jumento, e os barris atrelados na cangalha; do casal Colô e Coleta, ele, o Vaqueiro e também carreiro nas horas vagas, tendo como chamador de boi sua filha Ivone, por falta de filho varão.

Lembro-me do casamento de sua filha Odete com Zeca, administrador da “Bola de Ouro”, propriedade do Dr. Benjamim Carvalho. Com a aquisição dos “Piaus” em 1943, pelo Dr. Benjamim, Zeca passou a residir ali. Hoje é conhecido como “Zeca dos Piaus”. Lembro-me também do engenho “Santo Antônio” onde meus padrinhos residiam na época da moagem. Era de tração animal. Eu, montado em uma das “manjaras” tangendo dos bois, fazendo as moendas girarem esmagando a cana, e o mel fervendo nas tachas envolvendo a todos com o seu vapor e odor.

E os passeios que dava às propriedades vizinhas!... Aos “Bons Ares” do Dr. Otávio Leite, o Dr. Otavinho, como era conhecido na região (mais tarde desembargador e fundador da Faculdade de Direito de Sergipe), onde assistia à avó Dantinhas (D. Edwigens Dantas de Carvalho) genitora de sua esposa Nina e de seu padrinho Bentinho, tocar piano, ou ensinar francês às netas Dantinhas e Nanu. O filho do Dr. Otavinho, Benjamim Otávio (Dr. Benjamim Leite), na época fazia o curso de medicina em Salvador. Ao término dessas minhas visitas aos “Bons Ares”, sempre recebia das mãos da bondosa Nina, uma lata de doce de leite batido. Visitava, também, o “Riachão”, propriedade do Dr. Benjamim Dantas Fontes (Dr. Beija Fontes), casado com nena (Filomena), filha de meus padrinhos. Esses passeios eram sempre feitos a cavalo. Eu, sempre no Tôni, e meus padrinhos montados no Giliac e no Pontiac, dois belos animais.

Em junho de 1936, o Dr. Benjamim Carvalho vai ao “São Bento” já casado, visitar os seus genitores. Fugindo à regra geral do casamento entre primos, Benjamim casou-se com Hortência Fonseca, pertencente a tradicional família sergipana. Pela sua delicadeza no trato e simplicidade, logo conquistou a simpatia de todos os parentes do marido. Eu estava no “São Bento” naquela ocasião. Lembro-me de Hortência confeccionando balões para soltarmos à noite ou preparando uma bandeira para ser hasteada na cumeeira da casa da fazenda “N. S. Auxiliadora” (antiga “Pindoba”), onde brevemente Tarzinho e Filomena fundariam um novo lar.

Recordo as centenas de canários e “cabeças” pousados na cerca do chiqueiro “chimando” o milho dado aos porcos. O sabor delicioso da farinha de pipoca preparada pela madrinha ou da “mal assada” que não era carne e sim uma

espécie de beiju feito de ovos batidos (omelete) com torresmos espalhados na superfície.

Do "São Bento" teria, ainda, muito o que contar, se não fosse o espaço determinado a esta coluna. Bem que gostaria de continuar escrevendo, pois como diz Catulo da Paixão Cearense:

"A gente dá de comida
na boca duma saudade!"



Expectativa d'uma Visita Indesejável

Não sei em que dia, mês ou ano, ocorreu o evento que desejo relembrar. Sei apenas que foi no meado dos anos 30. Também os moradores da então Vila Cristina, naquele dia, não sabiam como havia surgido a notícia de que o temível bandoleiro Lampião e seus "cabras" estavam se dirigindo à Velha Chapada dos Índios, cujo povo ficou apreensivo na expectativa da indesejável visita.

Liderado por Oséas Batista, então Prefeito, uma dúzia e meia de cidadãos movimentaram-se para organizar a defesa da cidade. Meu irmão Juca, Antônio Maroto, João Reis e filhos, João Ribeiro, Nelson Góes, Zeca de Inácio, seu Fidelcino e outros. A eles se juntou o destacamento policial, composto de um cabo e dois soldados. Fuzís e carabinas foram requisitados. A Igreja Matriz transformou-se, pela sua posição estratégica, em ponto de apoio para a defesa.

Na torre foi colocado um grande barril com água, a fim de esfriar as armas, que naturalmente iriam esquentar na presumível refrega. Foi proibida a saída de qualquer pessoa da cidade, o que não impediu que algumas se refugassem nas matas próximas do "Brejo", "Taquari" ou do "Paiajá". Odilon Monte Alegre, proprietário de um Ford - 29, único veículo a motor da URBIS, demonstrou desejo de abandonar a cidade ao ter conhecimento do tratamento que Lampião e seu bando dispensava aos comerciantes. Juca o fez mudar de opinião ao alegar que atiraria nos pneus do carro, caso tentasse sair da cidade.

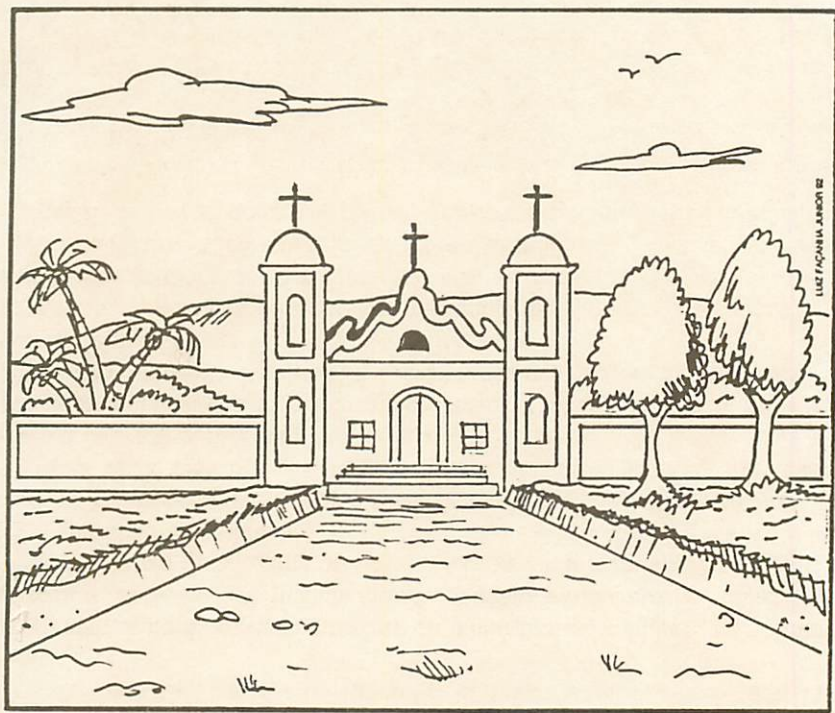
No telégrafo, a Agente D. Nair Reis, procurava em vão comunicar-se com Itabaianinha, a fim de dar ciência às autoridades daquela cidade, do que estava acontecendo. Como Itabaianinha não atendia aos chamados, presumiu-se que o bando do facinora havia cortado o fio, aumentando, ainda mais, o medo do povo. Trancado na Matriz, o pequeno grupo de defensores da cidade, aguardava o famoso bandoleiro, contando, uns aos outros, as atrocidades praticadas pelo "rei do cangaço" do Nordeste. Um deles relatou que certa vez Lampião perguntou a uma de suas vítimas, de que maneira queria morrer? De facada, de tiro ou de "beliscão"? Como o rapaz nunca ouvira dizer que "beliscão" matasse, res-

pondeu que de "beliscão". Lampião, então, fazendo uso de uma "alicate", torceu o umbigo do rapaz, para em seguida puxar, retirando pelo orifício umbilical, todo o intestino de sua pobre vítima!

Ao entardecer daquele dia, D. Nair conseguiu comunicar-se com a cidade de Itabaianinha, quando, ao dar notícia sobre a preocupação do povo da Vila Cristina com a propalada visita de Lampião, ficou sabendo da impossibilidade de tal presença do cangaceiro na região, em razão do bando e seu chefe encontrarem-se na cidade de Capela.

A boa nova tranquilizou os moradores da Chapada. Da Matriz saíram aqueles que se prontificaram a evitar a visita dos cangaceiros. As casas abriram suas portas despejando nas ruas as mulheres, ainda com os terços nas mãos, os velhos e as crianças.

E aqueles que haviam fugido, refugiando-se nas matas, ao regressarem, foram recebidos com desprezo pelos seus conterrâneos.



A Matriz de São Francisco

Contarei a vocês, caros leitores, um pouco da história de nossa querida Matriz de São Francisco, juntando fatos ocorridos antes de meu entendimento, contados pelos meus saudosos pais e pelos irmãos mais velhos, aos eventos, dos quais, algumas vezes, fui protagonista.

A Igreja de São Francisco, desde a sua construção, ocorrida em meado do século XVIII, pelo frade franciscano Frei Paulo, foi, por duas vezes, reformada. A primitiva era uma capela, tipo chalé, sem a tradicional torre dos templos católicos, mas, da mesma largura da atual, porém, de menor comprimento, com um sinozinho pendurado numa abertura, feita no vértice da parede frontal, de cujo badalo pendia uma comprida corda.

Em fins de 1924 e começo de 25, sob responsabilidade de meu pai, foi iniciada uma ampla reforma que mudou totalmente a estrutura da antiga. Foi escolhida como modelo a Igreja de Santo Antônio do Aracaju. Todos trabalharam para as obras. Meus irmãos Juca, Adalberto e Raul, com um "carro de carneiro", minhas irmãs e moradores da Chapada com bacias traziam, do "Manoel Joaquim", a areia. As pedras vinham em "carros de bois", tiradas nas proximidades da "Baixa Funda", hoje propriedade do Dr. Benjamim Leite. Foi realizada uma "Santa Missão", pregada por dois franciscanos oriundos de Esplanada. Todos os dias, às cinco horas da manhã, celebrava-se missa e, após este ato religioso, formava-se a procissão das pedras. Todos saíam pela redondeza à procura de pedras. Minha irmã Lourdes, então uma ativa garota de 12 anos, levava à cabeça uma bacia cheia de pedras e, sob o seu peso, caminhava dando três passos à frente e dois para trás. Os meninos invadiam as casas e carregavam as pedras que encontravam, nos quintais, até mesmo as que serviam de "trempe" (na maioria das casas não havia fogão), o que deixava as donas de casa iradas.

O Padre Manoel Vieira, recém-ordenado, que substituiu o seu irmão Padre Hortêncio no vigariato, também colaborou ativamente na construção. Era visto muitas vezes com a enxada, preparando a "massa" com o barro trazido pelos

“carros de bois” dos Piaus. “Seu” Severiano mais conhecido como “mestre Otino” de Itabaianinha, supervisionava os trabalhos.

A garotada, portando cartões para perfurar, a um “tostão” o furo, atacava os feirantes na rua das Galinhas, quando vinham do Geru, Barracão ou Itabaianinha e, na rua da Canabrava, quando procediam de “Cepa-Forte” (Jandaíra) ou da Ribeira do Conde.

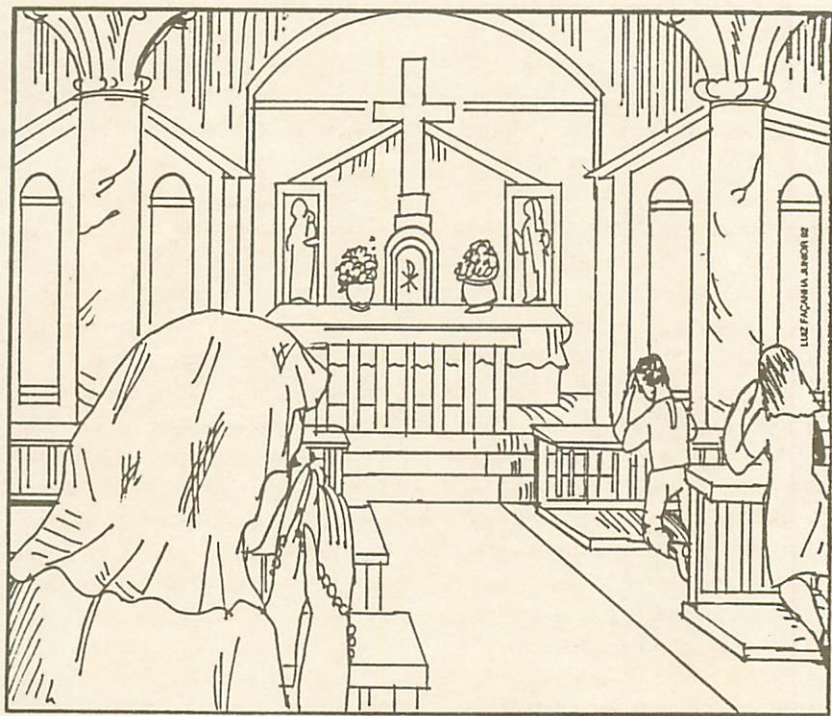
Organizavam-se quermesse (feira de prendas), teatrinhos, dos quais fui um dos atores, apesar de, na época, contar apenas três anos de idade. Havia exposição de vestidos e rendas, confeccionados pelas “modistas” e rendeiras locais.

Meu pai fez encomendar na Itália um retrato a óleo de Frei Paulo, que deveria estar pronto para o dia da inauguração da Igreja. Infelizmente, a referida obra só chegou meses após o evento. Este quadro ainda hoje existe. Encontrase em uma das paredes da Sacristia.

Assim, com ajuda de meu pai, Leonardo Leite, dos comerciantes e dos “tostões” dos feirantes, em janeiro de 1927, era inaugurada solenemente a Igreja de São Francisco. Foi um dia de festa. Marcada para as nove horas e missa solene, já às oito, as senhoras e senhoritas dirigiam-se à Igreja, levando, cada uma, sua cadeira genuflexória (cadeira de assento baixo e encosto regularmente alto, para ajoelhar e orar) muito comum na época em que não havia bancada. A imagem do Padroeiro carregado pelo povo, sob os acordes da Filarmônica de Itabaianinha, foi entronizada na sua matriz, debaixo de uma chuva de pétalas de rosas e flores lançadas pelas jovens filhas da Chapada dos Índios.

Em 1970, sob a orientação do Pe. Arnaldo Conceição e com o substancial apoio dos Irmãos Dória e da comunidade, a Matriz foi submetida a uma necessária reforma. Em 4 de outubro de 1971 foi solenemente reinaugurada, com a presença do Bispo Diocesano de Estância, D. José Bezerra Coutinho e do então Governador do Estado, Dr. João de Andrade Garcez. Nesse dia, os filhos de Cristinápolis enalteceram o labor de seu guia espiritual, Pe. Arnaldo e oravam cantando:

“Onde houver ódio, que eu leve o amor,
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão,
Onde houver discórdia, que eu leve a união”...



60 Anos Depois

Em princípio de janeiro do ano em curso, realizou-se em nossa querida Cristinápolis uma "Santa Missão", sob a orientação de dois frades capuchinhos, vindos do Convento da Piedade, em Salvador: Frei Aureliano e Frei Lucas, que se hospedaram na Casa Paroquial, com o nosso vigário Padre Bonifácio Costa. Foram oito dias de intensas atividades religiosas. Compareci aos três últimos dias.

Lembrei-me de outras Santas Missões realizadas em nossa Chapada dos Índios e constatei, com certo orgulho, mais uma vez, que as mensagens anunciadas pelo Frei Aureliano e Frei Lucas coincidiam, basicamente, com as pregadas pelos frades oriundos de Esplanada, nas Santas Missões de 1927 e 1933: Frei Pascásio, Frei Camilo e Frei Luiz.

A coincidência do conteúdo das mensagens é justificável e motivo de alegria para os cristãos. Não podiam ser divergentes. Não há verdade diferente da outra. A Verdade é uma só. A semelhança das mensagens pregadas pelos frades, em épocas diversas, não são mais do que verdadeiros ecos das mensagens anunciadas pelo Cristo.

As discordâncias entre as primeiras Santas Missões e a realizada neste ano de 1987 foram, simplesmente, ambientais, motivadas pelo progresso. Como não havia na época das primeiras uma casa Paroquial, fora providenciada e preparada uma casa vizinha ao "Seu" Possidônio, na rua da Canabrava, para hospedagem dos frades. A alimentação dos mesmos era fornecida pelos meus saudosos pais.

Um palanque armado à porta da Igreja Matriz, esteve presente em todas elas.

As primeiras foram iluminadas pelos lampeões de carboreto; a última foi por gambiarras de lâmpadas Philips.

Os fiéis que assistiram os sermões de Frei Pascásio e Frei Camilo, os ouviram sentados na grama ou em cadeiras genuflexórias; os que estiveram pre-

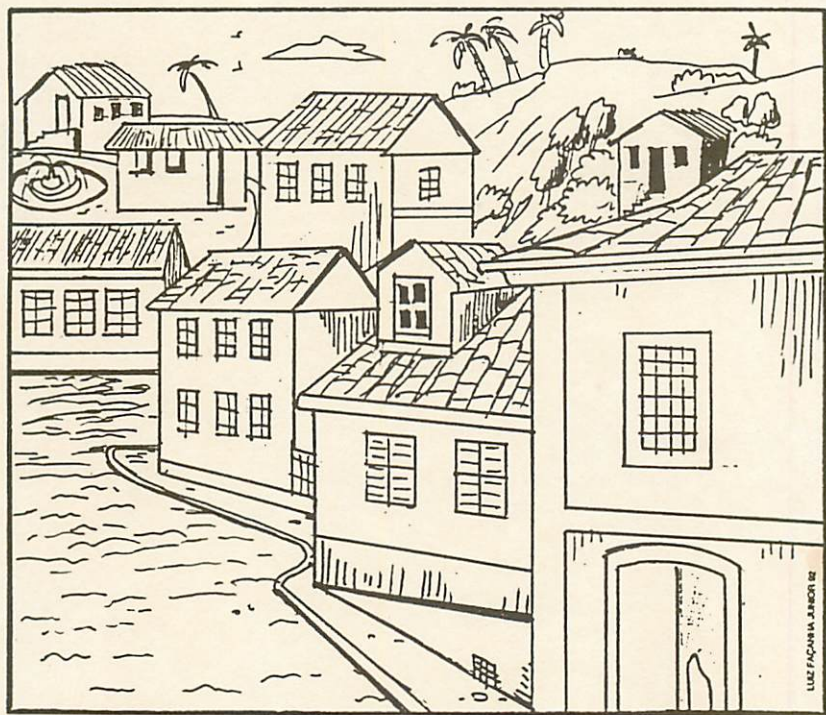
sentes à última Santa Missão sentaram em confortáveis bancos retirados do interior da Igreja.

Nas primeiras, as pessoas residentes fora do perímetro urbano, chegavam em "carros de bois" ou montados a cavalos, que prendiam debaixo do "Velho Telheiro" no meio da Praça da Matriz. Os de agora, chegam em carros, ônibus ou caminhões, cedidos, gratuitamente, por seus proprietários.

Ontem, o silêncio da multidão era necessário para os pregadores serem ouvidos; hoje, há um sofisticado aparelho de som. Mas, os cantos de louvores são os mesmos: "Bendito, louvado seja"; "Queremos Deus"; "Perdoai-me, Senhor".

Até o Ofício a Nossa Senhora foi cantado, nesta Santa Missão, da mesma maneira e tom das de outrora. Em síntese, nada de fato mudou; a mesma fé e a mesma Esperança no coração de todos. Nos de ontem e nos de hoje.

E contemplando os semblantes dos presentes, tive a impressão que a multidão de fiéis estava sentindo nostalgia do céu. Estava sentindo saudades de Deus.



Todos nós somos Culpados

Quantos anos ainda contaríamos de existência aquelas coisas que destruímos com o nosso orgulho de progressistas?

Não fosse esse injustificável orgulho, o velho sobrado dos Caboclos, pertencente a um dos descendentes do morubixaba dos Paiaias, João da Barba, estaria sendo, agora, admirado pelos nossos netos; o velho telheiro no meio da Praça da Matriz, que protegia os feirantes, seria aproveitado para outras finalidades; a fonte do "Manuel Joaquim" estaria hoje com todos os seus "porrões", não fosse o mal uso que fizemos deles; a bica da fonte da Gameleira estaria com sua altura original.

Recordo-me, com saudade, do antigo altarmór da Igreja da Matriz, todo trabalhado em madeira, com suas colunas e arcos.

Da imagem de Nossa Senhora do Rosário, também de madeira. Uma das mais belas imagens da Virgem Santíssima que tive o prazer e a felicidade de contemplar. Por descaso de seus "fiéis", ela foi destruída pelo cumpim(!?)

O que embeleza uma cidade é a presença de seu passado junto ao presente. É o velho abraçado ao novo.

Com que orgulho o baiano mostra ao turista o "Pelourinho"... e o paulista o Colégio que deu origem à sua grande metrópole!... No entanto Salvador é uma das mais belas cidades do Brasil e a capital paulista é a maior cidade da América do Sul.

Devemos conservar o que as gerações passadas construíram. É a nossa história. É a nossa memória. Toda a ação destrutiva, seja contra a menor planta, o menor animal ou a menor coisa, contribui para nos destruir por dentro.

A arte de progredir está não em eliminar, mas em crescer com os obstáculos.

O mundo está sendo destruído porque o ser humano desaprendeu o Amor. Simplesmente deixamos de amar. De amar o passado, de amar a natureza, - esta, coitada, é a nossa maior vítima. Procuramos destruí-la cotidianamente, quei-

mando florestas e matas, derrubando morros, desviando os rios de seus cursos, matando os animais e pássaros, tudo em nome do progresso.

Apesar do progresso, neste mundo contemporâneo, dois terços de sua população passam fome. Não é uma injustiça? Ah!, esta sim, é que deveríamos destruir!... A única destruição válida é a destruição da injustiça.

Portanto devemos bater três vezes no peito e confessar: "Mea culpa", "mea culpa", porque todos nós somos culpados.



Tipos Inesquecíveis (I)

Neste capítulo das minhas reminiscências, lembrar-me-ei de algumas figuras humanas do meu mundo infanto-juvenil em Vila Cristina.

Não sei se os jovens de hoje compreenderão estas recordações. Porque compreender o mundo infanto-juvenil daquela época, pela juventude atual, torna-se difícil; são pólos distantes. A televisão provocou, praticamente, o embotamento daqueles que tiveram a infelicidade de nascer sob sua égide. Embora a televisão seja um dos mais extraordinários inventos do nosso século, está sendo indevidamente usada.

Mas, voltemos às lembranças.

Quem não se recorda do Padre Manuel Vieira, recentemente falecido a quem alguns apelidam de "Padre Aço"? Esse apelido era em razão de sua fortaleza física e espiritual. No entanto, dentro daquela casamata humana, palpitava um coração cheio de bondade. Grande amigo do trabalho, às vezes era visto, durante o dia, usando a enxada, revolvendo a terra ou de facão podando árvores para, na manhã seguinte assistirmos a ele, na Igreja Matriz, oferecendo Cristo Eucarístico, aos fiéis. Por mais de quarenta anos dirigiu essa Paróquia. Foi um dos construtores da estrada que liga Cristinápolis a Geru, que seria justo ser denominada de Rodovia "Padre Manuel Vieira".

Outra figura humana admirável foi o Escrivão Francisco Paulo, carinhosamente chamado por todos de "Seu" Chico Paulo. Casado com D. Zefinha, não possuíam filhos, mas criaram uma menina, Terezinha, e um menino, Pedro. Era respeitado por todos que tiveram a felicidade de conhecê-lo. De personalidade forte e conciliatória, era incapaz de uma maldade e nunca o ouvi falar mal de alguém. Tão bondoso, não mereceu o fim de vida que teve. Viúvo, passou a viver sozinho em sua casa na rua Leonardo Leite, bem em frente à nossa. Teve

em "Seu" Pedro do Bugiu, o amigo de todas as horas. Com mais de noventa anos entregou a Deus a sua bonfíssima alma.

Do mesmo lado da rua, bem perto do Chico Paulo, morava um casal de velhinhos que eu chamava de avós. Eram "Seu" Antonino e D. Alexandrina. Enchiam-me de carinhos. Que saborosas ingás recebia deles! Naquela casa, não eram somente ele que foram para mim tão bondosos. Também seus filhos Josefa, Antônia, que era casada com "Seu" Lionídio (pais de Rosa, José, Raquel e Rizete); José e Maria.

Até hoje procuro cultivar esta amizade na pessoa de seus descendentes.

Recordo-me com carinho de D. Tercila Reis (vovó Yáyá, como eu a chamava), viúva do Professor Gustavo Reis. Sempre tinha algo a me oferecer. Às vezes era um boi de barro, outras, uma fruta ou uma lata de doce. Foi mãe de "Seu" João Reis (ex-intendente, espécie de Prefeito); de Pipiu (Alípio); e de Nenen (Silvanira); Zizi (Luzia) e Yáyá (Palmira). Eu não havia ainda entrado na adolescência quando eles fugiram do meu mundo, deixando-me sentindo a falta de seus carinhos, de que tanto gostava.

A Agência dos Correios e Telégrafos, na época, funcionava numa casa ao lado da Matriz, onde posteriormente foi construída a Escola "Cel. Otávio de Souza Leite". A agente era D. Nair Reis. O referido imóvel servia também de residência da agente que vivia em companhia da mãe, D. Filomena (outra que chamava de avó). D. Nair, atualmente, já velhinha, reside em São Paulo. É uma pessoa admirável e sempre amante de sua Terra Natal, a Chapada. Mantém, ainda, regular correspondência com minha irmã Glória. Sempre vestida de branco, mangas compridas, cativava a todos da Chapada, pela sua educação no trato. Minha irmã Didi (hoje irmã Maria Leonardo), que nas férias, era a sua companhia cotidiana. Bastante religiosa, era quem dirigia as novenas na Matriz. Lembro-me dela liderando, nas noites das quartas-feiras, o canto do Ofício de Nossa Senhora. Parece-me, ainda, ouvir o seu intróito:

"Agora lábios meus

Dizei e anunciai
Os grandes louvores
Da virgem Mãe de Deus".

* * *

Vivia, então em Cristinápolis, um negro chamado "Seu" Zé Carpina, a quem meus pais tributavam grande amizade, chegando a confiar-lhe os filhos. Às vezes, íamos à noite à sua casa assistir a um "Reisado". Quanto medo eu tinha do "Boi"! Ficava escondido atrás da porta para não vê-lo. Nunca chegava em nossa casa com as mãos vazias. Sempre trazia alguma coisa para os garotos de Dr. Leonardo. Que alegria senti, certo dia, quando ele me presenteou com um carro de bois, para atrelar meus bois de barro!... Já idoso, contraiu núpcias com uma mulher que não o merecia. Sofreu com resignação, até que o Senhor lembrou-se do velho negro e levou sua alma branca para Sua morada. É lá, com certeza, a mãe do Criador, repetindo as palavras do poeta Hermes Fontes, segredou-lhe ao ouvido:

"Teu nome é a mais linda conta
do meu íntimo rosário".



Tipos Inesquecíveis (II)

Em sequência ao capítulo anterior, evocarei outras jóias humanas extraídas da serra da memória. Pessoas simples, cujos exemplos de dignidade enriqueceram, com suas ativas presenças, a Vila Cristina de antanho. Hoje falecidas, resta-me homenageá-las, recordando seus nomes, fazendo-os conhecidos pela juventude atual, que não teve a alegria de os conhecer. Como afirmou o poeta Filinto de Almeida;

“A memória é uma corrente
da imaginação febril:
liga o passado ao presente
como uma ponte sutil”.

* * *

Filho de Robustiano Góis, **Nelson Góis** nasceu no município de Itabaininha. Começou a trabalhar bastante jovem, ajudando seu pai na casa comercial que o mesmo possuía naquela cidade. Com pouco mais de vinte anos, resolveu instalar aqui uma loja de tecidos, que no início só abria nos dias de feira. Nessas ocasiões era hóspede do inesquecível Chico Paulo. Poucos anos depois decidiu fixar residência na Chapada. Homem sério e trabalhador logo conquistou a admiração e o respeito de todos. Meu Pai depositava nele tal confiança que o designou seu procurador em Vila Cristina. Fraternal amigo de seus vizinho e colega Odilon Monte Alegre e de meu irmão Juca construíram eles, uma alegre trinca de solteirões, que apesar de procurarem driblar as artimanhas de Cupido, não demoraram muito a ser atingidos pelas setas do Deus do Amor. Casou-se com Isolina, uma das irmãs de seu amigo Odilon. Construíram ambos uma casa feliz e criaram seus filhos dentro dos padrões que nortearam suas virtudes. Quem em Cristinápolis não admira a educação dos filhos de seu **Nelson Góis**?

E parece ser hereditária!... Vejam o comportamento exemplar de seus netos, os jovens **Nelsinho e Manuelzinho**.

* * *

Odilon Monte Alegre era filho de uma família tradicional da Chapada dos Índios. "Seu" Joaquim Menino era seu genitor e "Seu" Joaquim Amâncio, seu avô. Pertencente a uma família de comerciantes, não fugiu ao destino de ser também comerciante. Iniciou a carreira ainda jovem, atendendo os fregueses do velho Joaquim. Mais tarde montou uma loja por conta própria, a loja São Francisco, que há poucos anos foi demolida para em seu lugar ser construído o belo edifício da Prefeitura. Fez parte da Filarmônica de Vila Cristina. Não me lembro qual o instrumento que tocava. Casou-se com minha prima Semíramis (Mirinha), filha do magistrado baiano Dr. Alcides Faria, de cujo consórcio nasceram-lhes seis filhas. Em 1982, com pouco mais de oitenta anos de idade, **Odilon** entregou sua alma ao Criador. Mirinha pouco lhe sobreviveu, faleceu dois anos depois.

* * *

Meu irmão **Juca** (José Antônio) era natural da Ribeira do Conde, Bahia. Aos 16 anos apenas assumiu a administração das fazendas de papai. Foi criado pela avó materna. Sinhá Donana da Chapada, com quem residia, até quando casou-se, já solteirão com nossa prima Cora, sobrinha de meus pais e irmã de Caminha, esposa de Leonardo Filho (Seu Léo). Nunca o vi mal humorado. Dado ao gênio expansivo, chegou a possuir uma imensidade de afilhados na Chapada e em Cepa Forte (Jandaíra). Era um exímio contador de histórias e anedotas. Todos os dias, após o jantar dirigia-se à casa de Odilon Monte Alegre onde, juntamente com Nelson Góis, participava de uma alegre reunião até às 21 horas e meia, horário em que "Seu" Zeca, o acendedor de Lampiões, iniciava o apagar da iluminação pública. Não possuiu filhos, mas, em compensação, criou mais de dez meninos e meninas, aos quais chamava carinhosamente de "meus negrinhos". Para ilustrar seu imbatível gênio alegre, contarei o seguinte episódio: Logo após a sua morte em Aracaju, em 4 de julho de 1973, quando tirávamos seu pijama para vesti-lo com o "terno", encontramos, num dos bolsos do pijama, um recorte de almanaque. Abrimos e lemos o seguinte: "Ele era tão pequeno que, sentado numa Gillette, ainda balançava as pernas". Rimos, apesar dos nossos

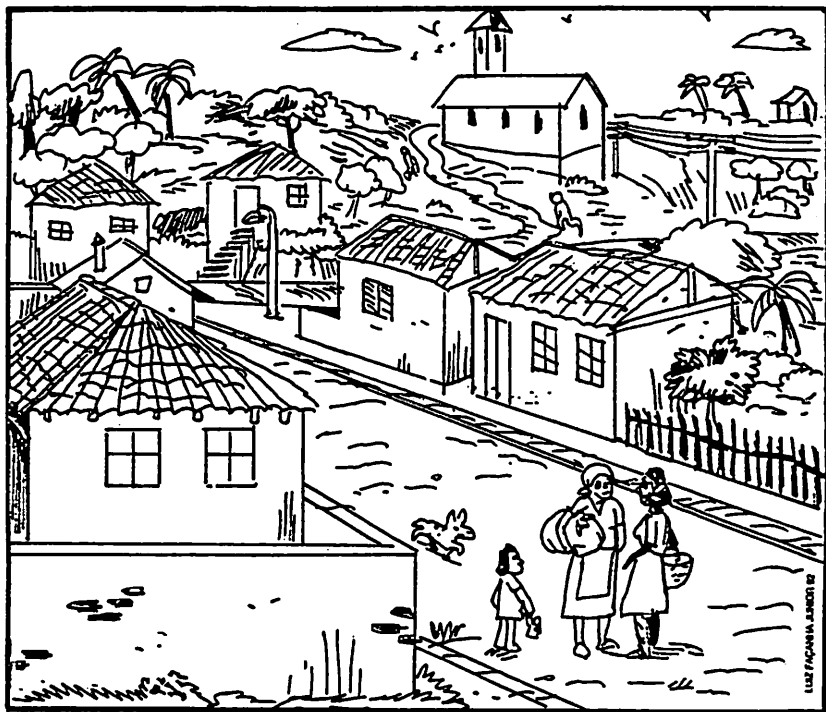
olhos estarem marejados de lágrimas. Era assim meu irmão **Juca**. Onde estivesse, era impossível haver tristeza.

Seria injusto se nesta galeria dos inesquecíveis da Vila Cristina, não lembrasse uma professora. não poderia, de forma alguma, olvidar a velha professora **Luzia Bastos do Espírito Santo**, Dona Santinha, como era conhecida. Todos os dias úteis da semana, lá estava ela esperando seus discípulos. Na maioria meninos pobres. Naquela época o estudante do primário levava para a escola o livro de leitura, a antipática taboada, a gramática expositiva e os compêndios de geografia, história do Brasil e de ciências. Estes últimos para os mais adiantados. E como materiais didáticos, o caderno de caligrafia, outro de cópia e ditado, que possuía na capa o retrato de uma menina chamada Leda, e mais outro de aritmética, que era quadriculado, além da pedra escolar (espécie de um pequeno quadro negro). Nos dias de sábado, havia a famosa "sabatina". Alunos em grupos formavam um semicírculo frente a professora, ela arguia cada um sobre os assuntos ensinados durante a semana. Se por azar algum errava, recebia como castigo dois "bolos" de "palmatória". Esta, sempre presente, pendurada na portada da entrada que conduzia ao interior da residência. Na parede, às costas da cadeira da Mestra, estava pregados uma Bandeira Nacional e o retrato de Olavo Bilac, seu poeta preferido. Tudo isso foi na época que no verbo, havia um presente do "Modo Condicional" e não um "Futuro de Pretérito". Nos dias de prova, os alunos conduziam somente folhas de papel pautado, um pequeno vidro da tinta "Sardinha", duas "penas" e uma caneta, além dos indispensáveis lápis e borracha. Dona Santinha não era originária da Chapada, mas aqui chegou ainda jovem e aqui viveu até o fim de seus dias.

Na esquina da rua Gameleira com a da Jibóia, numa casa de três portas na frente e duas de um lado, que servia de casa comercial e residência, morava um senhor estimado por seus concidadãos. Era o "Seu" **Augusto**, cujo sobrenome não me recordo, casado com Dona Maria Cotias. Homem de índole pacífica e caráter reto, "Seu" **Augusto** constituiu-se em uma das figuras humanas mais simpáticas de Vila Cristina. Por ocasião da construção da BR 101, em ra-

zão da demolição de sua casa, passou a residir e comerciar na esquina da rua das Galinhas com a Praça da Bandeira, cujo imóvel foi atualmente demolido para abrir mais a entrada da rua. Esse homem manso, entretanto, teve morte violenta. Numa tarde festiva, estava ele reunido com seus familiares e amigos, (como sempre fazia) à porta de sua morada, quando um tresloucado motorista, fugindo à perseguição da Polícia Rodoviária, ao entrar na rua das Galinhas lançou seu veículo contra o grupo, provocando a morte do velho comerciante, deixando na viuvez a bondosa Dona Maria Cotias, cujo falecimento ocorreu no ano de 1985, indo, assim, reunir-se ao seu sempre lembrado **Augusto**, na morada do Senhor, cujo Filho já havia anunciado:

"Bem aventurados os pacíficos, porque
serão chamados filhos de Deus".



Cepa Forte

Jandaíra. Estado da Bahia... Minha velha Cepa Forte... Terra dos meus ancestrais! Berço das Famílias Machado de Faria e dos Penalva.

Uma cidadezinha simpática, vizinha a minha Chapada dos Índios. Antes tão próximas (duas léguas). Hoje, o progresso, que sempre aproxima as cidades, as afastou (quatro léguas). Só nas minhas recordações uma está bem junto a outra, como duas irmãs xifópagas.

Meu Pequeno Príncipe sabe disso... Ele é meu cicerone no reino longínquo da minha infância.

Sou levado por Ele a relembrar com saudades os parentes que se foram, os amigos que perdi e as amizades que ainda conservo, frutos dos dias inesquecíveis que passei em companhia de meus pais e irmãos em casa da velha Joaninha, minha Tia-avó, viúva do Cel. Olavo Leite e irmã de Sinhá Donana da Chapada, minha avó materna.

Vejo do meio da Praça da Matriz, um jardim florido, cercado e, no centro, uma grande cruz de madeira. O jardim marca o local da antiga capela de Santo Antônio, onde estão sepultados meus antepassados, os fundadores da cidade.

Na rua Cap. Thomé, admiro o velho sobrado onde residiram meus bisavós Thomé Machado Faria e Maria da Purificação.

Entro na casa dos "Tios" Otílio Faria e Amélia, para saborear os doces que sobraram da festa de suas "Bodas de Ouro" e do casamento de seu Oscar com a graciosa Aydéia, de Abadia. Sentado num tamborete, seu primogênito Leonidas conversa com seu irmão João, o caçula do casal, acadêmico de Direito, (ex-Pretor de Cristinápolis e Desembargador aposentado).

Visito a minha Tia-avó Cecília, viúva do Tio Abílio, boa doceira, apesar de quase cega. Seu doce de araçá era famoso. Além de tudo, uma excepcional contadora de "história da carochinha".

Festa de Reis! Toda a cidade se engalana para festejar os Santos Reis.

Chegam os fazendeiros do município e da Chapada, meus parentes, quase

todos com moradias próprias na cidade. Moradias estas, antes fechadas e tristes, agora com suas janelas e portas abertas, parecem sorrir com as presenças de seus donos.

Do "Rio Fundo", vêm Thomé de Freitas, Marocas e seus filhos Vanderley, Rufo e Lucy; do "São Roque", Antônio Freitas (Antonino) e família; da "Conceição", Né de Freitas e Aurinha; da "Água Clara", Paulo Dantas, Mariana e seus filhos João, Pureza Benedito, Marita e Sinhá; da "Lagoa", Dr. Alcides Faria, Alaf-de e seus filhos, entre os quais Plácido, Marinha (depois senhora Odilon Monte Alegre), Dolores e Alberto; do "Papa Mel", Clidinho, Setu e seus filhos Djalma, Diva, Dina e Décio; da "Boa Sorte", Deoclécio e Adélia; do "Paraíso", Décio, Lídia e filhos; do "Salôbro", Totonho Dantas, Clesinha e seus filhos Ananete, Aivaldo, Nalvinha, Aliéte, Amelita, Agnaldo, Abigail e Regina. Totonho Dantas em razão de estar construindo sua casa na Praça da Bandeira (hoje desaparecida, com a construção de casa no seu perímetro), hospedou-se com a família em casa de sua cunhada Stela, viúva de Sinhozinho e mãe de Sílvia, Nadir e Antenor, este um dos meus companheiros; do "Tamboril", vieram Horácio Faria (o Lilito), Marieta e seus filhos, entre eles, Neuza e o pequeno Evandro; da "Juerana", Olegário Vieira e D. Josefa (os únicos que não eram meus parentes), do "Cruzeiro", Francisco Faria e família.

Dia de Reis... seis de janeiro... pela manhã a missa celebrada pelo Padre Bime no Altar-mór da Matriz de Santo Antônio, artisticamente ornamentado pela bondosa Sinhazinha Cardoso, coadjuvada pela sobrinhas Raimunda, Nita, Elza e Maria.

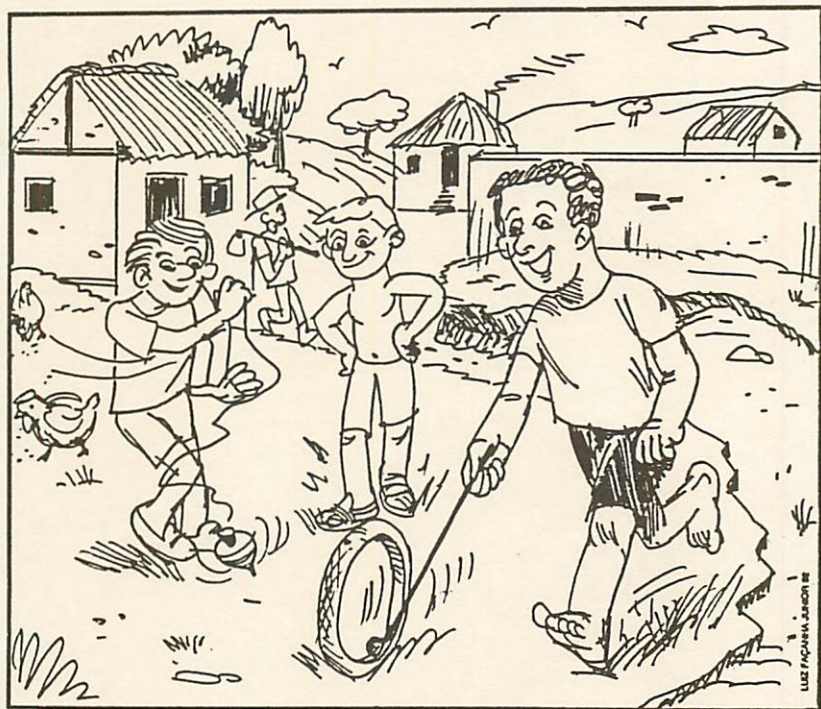
A Igreja está cheia. "Seu" Zezinho, o sacristão, corre de um lado a outro, atendendo uns e outros. Junto à minha mãe, viro-me para traz e vejo num dos cantos, meu pai conversando com Alcides Faria, Dr. Luiz Figueiredo (o juiz) e Joaquim Penalva. Admiro a beleza das filhas de Joaquim Lins e de Alintes. Noto as presenças de Chiquito Reis de braços com sua noiva Eliza Vilanova de Faria; Antônio Macedo e sua filha "do Carmo"; D. Teolina; D. Honorina, viúva de Antônio Maciel de Faria, com suas filhas Adília, Stela, Nasinha e Celina; a velha mulata Helena de Berêbo com a sobrinha de Raquel; "Seu" Alcides e Dasinha, sua mulher; o telegrafista Eudoclílio Penalva e sua esposa Zefinha; Pedro Dantas e sua noiva Hilda Penalva; Pedro Pompílio e Anísia, com seus filhos Jason, Gilberto e Aydéia; Antonino de D. Filé e sua mulher Amália Faria; a própria D. Filé, Alicinha Dantas e Durvalina Faria, tendo nos braços sua sobrinha Lucy; Moisés Penalva e "Seu" Zé Lopes.

Desejo gravar as presenças de outras pessoas, mas minha mãe chama-me

atenção para assistir com mais respeito a Santa Missa. Olho então para Santo Antônio e observo que ele não me recrimina, está até sorrindo...

À noite a festinha no Telheiro do Mercado e o baile na casa de Thomé de Freitas, o Prefeito.

É assim que recordo a Cepa Forte. Carinhosa, alegre e simpática. Sempre a visito, por algumas horas para não perder o contato com o passado e o convívio das poucas pessoas que ainda restam do meu tempo de criança.



Os Pequenos Inventores

Ao entrevistar um garoto cearense de 10 anos, vítima da seca, que brincava com ossos de animais convertidos pela sua imaginação infantil, em bezerros e vacas cujo "reprodutor", o osso maior, era chamado "Azulão", o repórter da TV Globo emocionou-se e, com ele, a maioria dos telespectadores.

Tal emoção para as pessoas que tiveram sua infância antes da 2ª Guerra Mundial, na época em que o átomo era indivisível, e se curava o sarampo com chá de sabugueiro e a "coqueluche", com pedra "corumba" no leite cru, foi acrescida pela recordação de seu tempo de crianças. Porque, além de verem no brinquedo daquele petiz a pobreza, ou melhor, a penúria em que a seca de cinco anos deixara os nossos irmãos sertanejos, que impedia o infante nordestino de adquirir uns "bois de barro", uma "caminonete" de plástico ou uma bola, nas feiras semanais da cidade próxima, viam, também, o retrato de sua própria infância. Da época em que só os filhos dos milionários podiam obter brinquedos fabricados, sempre com as marcas "made in Japan" ou "made in Germany". Não havia os famosos brinquedos da "Estrela" ou da "Trol". E como não havia, nós inventávamos. Em frutas pecas, como a fruta-pão, a jaca, a manga e mesmo os coquinhos, colocávamos pemas de palitos tirados das palmas de coqueiro, piacava, dendezeiro ou espinhos do mandacaru. Assim, fazíamos nossas "boiadas".

As meninas compravam nas feiras livres suas bonecas de pano, onde nós garotos negociávamos, por um "tostão", um belo "reprodutor" de barro. O "tostão" ou "mil réis" era a moeda da época. Com ela as crianças negociavam com os adultos, porque, entre a criança, a moeda era outra. Eram carteiras de cigarros vazias, abertas e alisadas com carinho: o "Yolanda branco", "Yolanda azul", "Trocadero", "Calumy" e "Selma", este último, o cigarro preferido por meu pai. Cada um com seu valor monetário. Com estes papéis-moeda, fazíamos nossas transações comerciais.

Os "burros de carga", confeccionados, também, com frutas, nas quais adicionávamos, com um pedaço de arame, uma castanha de caju na extremidade

do talo. Era a "cabeça" do animal aonde colocávamos o "cabresto" feito de barbante. Sobre o lombo do "burro", atrelávamos os "caçuás" - cascas vazias dos carangueijos - que enchíamos de "mercadorias". Mercadorias estas, quase sempre as frutas menores: melão de "São Caetano", juás, groselhas, pitangas, manjelão ou areia branca.

Caminhões e automóveis sedans eram confeccionados com latas e carréis de linha "corrente".

Bricávamos, ainda, de "carrapeta", usando um fruto seco e duro em forma de pinhão, que colocávamos entre as pontas dos dedos indicador e polegar e o fazíamos currupiar pelo chão.

E as inesquecíveis disputas com "roda de ferro"... A roda de ferro, grampeada levemente na ponta de uma haste de arame grosso, deveria ser conduzida com perícia pelo garoto, do contrário não participaria da competição.

O jogo de "marraio", com a bola de "gude", enchendo as ruas de pequenos buracos, as "búricas".

O "cavalo" de pau... Varinhas de pau-d'arco que a meninada convertia em "cavalos" castanhos, pampos ou alasão, conforme a preferência de cada um.

Às "caçadas" aos passarinhos e rolinhas, realizadas com "arapucas", quando os queríamos vivos.

Futebol? Só quando matavam um peru. O papo era logo requisitado e com ele, fazíamos a bola.

As meninas, quando não estavam brincando com as bonecas, jogavam o "pinto galo" com as pedrinhas alvas que encontravam na beira do rio, ou então, com as mesmas pedrinhas, passavam uma para outra, seguindo o ritmo da canção "Escrava de Jó".

A meninada também tinha seus dias de festas. Os casamentos das bonecas das irmãs realizados com toda a pompa. Debaixo da jaqueira mais frondosa, o chão varrido, as meninas preparando o "cozinhado" em pequenas panelas de barro, os meninos procurando gravetos para o fogo ou enchendo garrafinhas vazias de "Bromil" ou "Óleo de Fígado de bacalhau" (o fortificante da época), com suco de limão. Os convidados (bonecos e bonecas) chegando em "carros de bois" toldados ou em garbosos "cavalos".

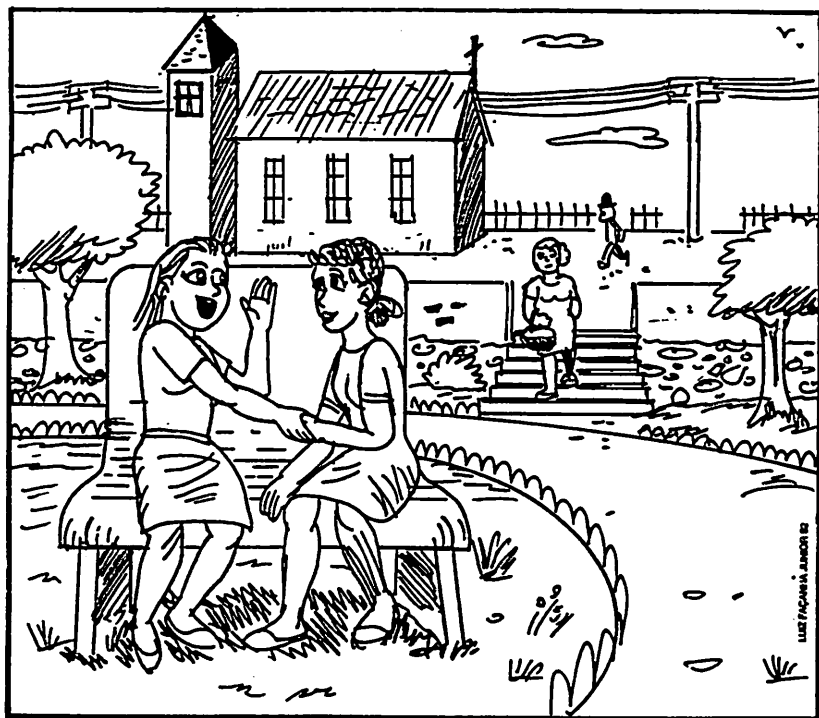
Estes eram os nossos brinquedos e festas. Das crianças de ontem, hoje convertidos em avós.

Hoje, o progresso destruiu a fantasia infantil, acabou com o seu poder inventivo e tirou seu contato com a natureza.

À criança atual não vê mais o "tesouro" de uma gota de orvalho espargin-

do a luz do sol e nem combate com “espadas de pau”, os dragões atrás das velhas e confortáveis cadeiras da sala de visitas. Também já não existem mais as salas de visitas!...

Pobres de meus netos, que nasceram órfãos da fantasia, que vivem na natureza, mas não tomam conhecimento de sua presença, porque distraem-se com brinquedos eletrônicos ou computadores, seus “companheiros de infância”, que os privam do poder de inventar.



A Treloucada de Saudade

Peço vênia aos leitores desta coluna, para transcrever "in totum", uma carinhosa missiva dirigida por uma prima à outra, cuja destinatária, achando que não teria oportunidade de satisfazer a solicitação da missivista de abraçar-me em seu nome, fez chegar às minhas mãos fotocópias da referida espístola.

x x x

"Salvador, 02 de janeiro de 1987

Querida S...

Esta minha carta, deveria ser datada em dias anteriores, ou em 31 de dezembro onde oportunamente, em seu Natal, os parabéns por mais um ano de vida, chegariam solenemente.

A verdade é que ela vai transmitir tudo de bom que lhe desejo em: Paz - muita Alegria e Dias Maravilhosos para 1987, embora iniciado duvidosamente quando pomos em campo as influências econômicas a que estamos sujeitas (nós, pobres professores). Desta vez, tudo indica que a luta vai ser negativa. Mesmo assim ainda dá para cantar: "Desperta Brasil"!

Passamos um Natal maravilhoso com a melhora de M..., que em dias anteriores nos deixou apreensivos com a sua saúde. Ele, continua sempre melhor e até o dia 15 deste deverá fazer o transplante de rins. Está apoderado de dúvidas e emoções. Eu, chorando sempre e por tudo. Tenho minhas razões. Até pelas Reminiscências de Carlos Leite onde a SAUDADE foi avivada e comentada por todos, principalmente de sua pessoa que está presa às nossas, por laços de amizade e que eu também conservo com o maior carinho.

A "Voz da Chapada" chegou a tempo e trazendo um bem infinito ao meu

estado emocional, vez que, Jandaíra é o meu céu de recordações infantis e também marca das muitas ilusões, quando o escritor (em homenagem póstuma) diz para Odilon e Mirinha: "Não morrem aqueles que permanecem vivos no coração de alguém".

Quem sabe, se não muito distante, "A Voz da Chapada" (não, não pode ser) ou outra voz declare:

Era o Natal de 1933 em Jandaíra; as calçadas altas de algumas casas acompanhavam os seus níveis, servindo muitas das vezes como bancadas, às praças e ruas cheias de areia. E na Praça da Matriz, a casa de Stella onde os seus filhos e a filharada de Totônio Dantas, sentados, esperavam os mais velhos que jantavam, para tão logo irmos aos festejos do Natal no Telheiro do Mercado, quando surge o jovem interroga: "De quem é esta Tapuia?" E o meu pai diz: é minha! Fala o mesmo jovem: "vou casar com ela". Realmente foi um grande "noivado", pois os anos passaram e eu sempre "noiva", desde os 9 anos até 1944, quando procurava algo para ler e encher o meu tempo, num passeio que fiz a Aracaju, vindo grifado no compêndio de Castro Alves a poesia..., reafirmando a uma carta deixada, propositadamente, no chão da casa da fazenda Salôbro.

Hoje, agradeço a Deus o meu silêncio e mais ainda a minha gratidão por tão justa iniciativa do "noivo" (só dos meus sonhos infantis).

Sei que você vai ficar pensando que estou louca. Mas estou bem certa (A Saudade mata gente). E para não morrer assim, espero aparecer brevemente para matar as nossas, revendo tudo e a todos, não dizendo quando, pois dia de Natal ao fechar uma cama, deixei de travá-la e quando dei as costas, recebi uma estúpida pancada na perna esquerda, machucada de tal forma que estou acamada. Creio ser uma doença por vários dias.

Pense lá..., uma obesa inquieta e cheia de manias: varrer, limpar, lavar, cozinhar e ainda fazer dengo aos netos. Estou sendo vigiada diariamente para não fugir do castigo que será a cura (repouso).

S..., vendo Carlos Leite, abraço-o por mim dizendo que fiquei feliz com as suas revelações e que a nossa amizade continuará sincera e pura através dos anos.

Dê um beijo em N e N e que os meus votos formulados cheguem até todos que você ama.

Deitada na minha cama, com afeto, a mesma Tapuia.

N...

A TRESLOUCADA DE SAUDADES

x x x

N...

31 de dezembro de 192..., o ano findando-se, morrendo, fez nascer uma criaturinha extraordinária, que a todos encanta pela sua alegria e bondade. Hoje, continua a mesma, apesar dos desenganos da vida, dos seus cabelos de cor de algodão. E a esta pessoa tão bondosa só poderíamos, você e eu, desejar: "Paz, muita alegria e dias maravilhosos".

Chegará o dia em que as autoridades deste país farão justiça àqueles que preparam seus cidadãos - as professoras. E, então, em júbilo, ouviremos: "O Brasil despertou!"

Será que você caiu em contradição? Não. O que ocorreu com você, ocorre sempre com as pessoas bondosas. Esquecem sempre de si. Você diz: "Passamos um Natal maravilhoso com a melhora de M..." Mas, adiante, você confessa que naquele dia havia se acidentado e estava acamada. Mas o importante é que o M... foi feliz na operação. Está curado. Milagre da medicina moderna!

Você sabia que os netos, são os avós renovados? Que doçura vê-los crescer!...

Os sonhos infantis... Como são sempre belos e puros!... Quanto amor existe neles! Como é bom recordá-los... Que ilusões!... Em nossa juventude estas ilusões e sonhos são destruídas para em seguida, após os sessenta anos, no alvorecer da velhice, procurarmos então tornar a construí-los com nossas recordações, frutos de nossas saudades.

Confortou-me bastante que minhas recordações na velha e querida Cepa-Forte fez alguém feliz, mesma que seja uma

Tresloucada de Saudades



As Serenatas

"Quando penso na vida
que dura tão pouco,
que cedo se acaba,
não compreendo como há gente
que vive lutando em vez de cantar".

A lua "desencantou-se" quando o homem a visitou. Os poetas, seus eternos(?) namorados e cantores, não mais falam nela. Esqueceram-na.

Acabaram as Serenatas, realizadas sempre "sob raios de luar franjados em prata" acompanhadas pelos acordes de um Bandolim, um Cavaquinho ou Violão. Não eram programadas, nem planejadas. Eram realizadas de surpresa, improvisadas. Sua Musa era a Lua engastada no firmamento, qual divina prisioneira. Seu auditório: as estrelas, a natureza. Seu cantar: o Amor, a Saudade.

Hoje, em seu lugar surgiram as "Serestas", acompanhadas por violões ou guitarras ligados eletronicamente a aparelhos de som. São realizadas em recintos fechados dos Clubes ou Associações. Planejadas e programadas, seu sucesso depende da presença unânime de seus convidados ou do que arrecadou sua bilheteria.

Recordo-me, com saudade, as inesquecíveis serenatas realizadas na minha Vila Cristina. Começavam sempre sob o velho telheiro da feira, no centro da Praça da Matriz, onde reuniam-se Joaquim de Isaura, com o seu Bandolim; Zezé de Constança ou seu irmão Antônio, mestres no Cavaquinho; Joãozinho Batista, filho de Maria de Tude e Epaminondas, com seus violões e trazendo o pandeiro, Antônio de Bertô.

Da Praça da Matriz desciam à rua da Canabrava (Leonardo Leite) ou seguiam pela rua da Jibóia.

E as canções!... Umas cantavam a saudade, como "A Serra da Mantiqueira" que invoca a Revolução Paulista:

Na Serra da Mantiqueira,
Bem na fonte da mangueira
Que ela em moça viu plantar,
Sentadinha no seu banco
Lá encostada no barranco
Mãe Maria vai sonhar...

E as nuvens que correndo
Vão no céu aparecendo
Para o acaso descansar...
Mãe Maria vê seus dias,
De venturas e alegrias
Que não mais hão de voltar.

Dos amores do passado
Só lhe resta o filho amado
Que lhe dá felicidade...
Ele é todo o seu encanto
E da vida um pouco santo
Da longinqua mocidade...

Eis porém que vem a guerra,
Abalando toda a serra
Com o rugido do canhão...
Mãe Maria amargurada
Vê seu filho na estrada
Se sumir num batalhão...

Segurando no rosário
No seu banco solitário
Mãe Maria reza agora:
Pede a Deus ardentemente,
Que lhe mande o filho ausente,
Que não mais há de voltar.

Numa tarde, o sol poente,
Ela ouve de repente,
A voz meiga do rapaz...

Ele diz tal como em vida,
"Muito em breve, Oh mãe querida
Lá no céu me encontrarás".

ou

"Mais uma valsa, mais uma saudade"
Mais uma valsa... Mais uma saudade,
De alguém que não me quis...
Vivo, cantando, a sós, pela cidade,
Fingindo ser feliz...

Fiz das lembranças, uma coleção
Nem sei!...
Quantas palavras no coração
Gravei!... Mais uma valsa...
Mais uma saudade
Saudade que nos vem...
De alguém!...

**Outras cantavam o Amor, como
"Continuas em meu coração":**

Meu grande amor
Ao te beijar
Eu disse a tremer de emoção:
Eu hei de sempre
Te lembrar,
E cumprir as promessas de então
Se longe estás do meu olhar,
Continuas em meu coração.

Jurei, Amor,
Não te esquecer
E juro que não te esqueci
Os sonhos meus, tu podes crer,
Foram sempre saudade de ti,

Se recordar nos faz viver,
Recordar também faz padecer!...

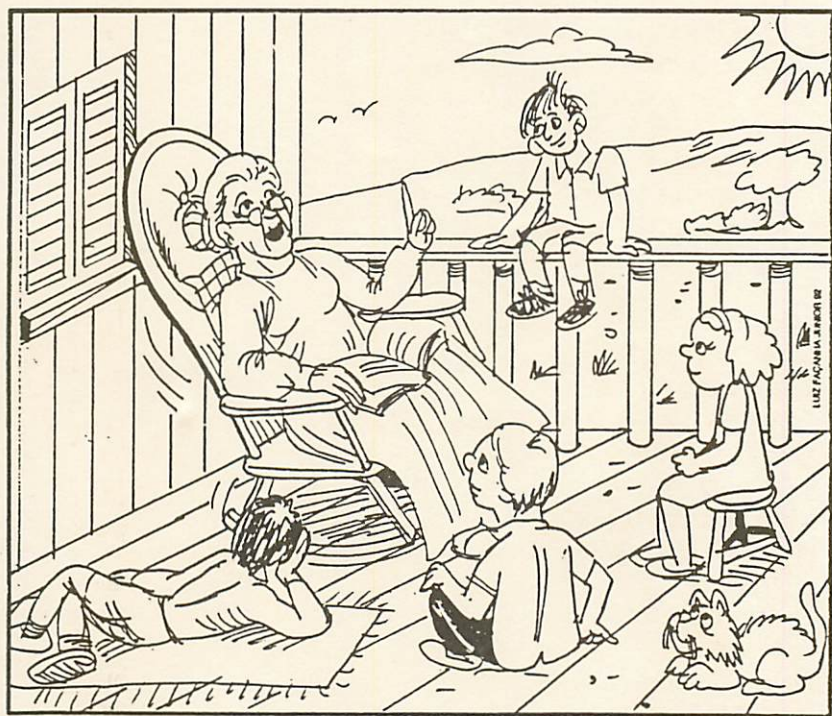
ou como "Pra mim e Você"

Quero um dia bem lindo
Quando eu for me casar,
Muita gente sorrindo
Tudo em volta do altar...
Vou ficar comovido,
meu amor junto a mim,
Que baixinho ao ouvido
Vou dizer-lhe assim...

Os sinos tocam,
Prá mim e você
As aves cantam
Prá mim e você!
Todo mundo já sabe:
Vai haver casamento!
Mas ninguém se acabe
Chegará seu momento...

Formam-se elas,
Por mim e você!
Espera o padre
Por mim e você!
E depois...
Vou construir um pequenino lar
Prá dois e mais morar...
Que belo vai ser prá nós dois.

Com o desaparecimento das Serenatas, chego à seguinte conclusão: O homem ao visitar a Lua, a ela se ligou fisicamente, mas, em contrapartida, dela se afastou espiritualmente.



As Contadoras de Estórias

Os meios de comunicação, até os primeiros trinta anos deste século, eram ainda deficientes. As emissoras de rádio davam os "primeiros passos". Não existiam emissoras de T.V.

Portanto, não havia programa infantil que tanto empolga e encanta a criançada de hoje.

Mas, em compensação, possuíamos as contadoras de histórias.

As horas preferíveis para ouvi-las, era após o jantar, à noite, sob a luz de uma "placa" (espécie de candeeiro) ou nos dias chuvosos, quando ficávamos prisioneiros dentro do velho casarão da rua da Canabrava.

Tivemos duas excelentes contadoras de histórias: Mamãe e nossa Tia Cecília, irmã de nossa avó Donana.

Mamãe era especialista em histórias bíblicas. Contava com tanto conhecimento e clareza, a vida da Sagrada Família, que nos dava a impressão de haver convivido com Jesus, Maria e José em Nazaréth.

Nossa Tia Cecília gostava de contar história da "Carochinha". Dessas histórias, algumas ficaram em minha memória. Dentre elas, escolho uma para transmitir, o mais fielmente possível aos prezados leitores, para que possam avaliar a natureza e o valor moral, que continham as referidas histórias:

"Havia no tempo dos gênios e das fadas, um silfo que servia de correio entre a terra e o céu.

Os antigos acreditavam que o céu era composto de sete esferas e o silfo tinha entrada em todas, menos na última, onde ficava a porta do Paraíso, a morada de Deus. Junto a porta havia um anjo com larga espada flamejante que guardava a entrada. O Silfo sempre pedia ao anjo que o deixasse entrar, mas o anjo sempre respondia:

- Não, mais tarde, contanto que tragas para o céu uma coisa que agrade muito o coração de Deus.

- Pois bem. Eu buscarei.

- Então vai e traze.

O silfo baixou à terra, voou aqui e ali a procurar coisa que servisse. Passou por vales e montes, cidades e serras, mares e campos e afinal numa choupana viu à porta muitas pessoas que choravam. Indagou com a vista e o ouvido e viu que era uma criancinha que agonizava e ia morrer. Aproximou-se dela e para poupar-lhe a agonia, colheu o seu último suspiro. Logo partiu para o céu. O anjo lá estava e perguntou.

- Vens tristes?

- Sim, mas trago uma coisa que há de agradar.

- O que é?

- O último suspiro de um pequenino.

- Pois eu aceito tua oferta, mas, desces à terra de novo e trazes outro presente.

O silfo admirado desceu à Terra e dizia:

- Levei o suspiro do inocente e não pude entrar no Paraíso.

Que levarei agora?

Nisso ouviu um barulho. Olhou para baixo e desanimou. Guerreiros atravessavam uma fronteira e outros a defendiam impedindo a invasão, o silfo voou para o lado dos defensores.

Um jovem soldado, depois de se bater como um leão, caíra morto sobre a bandeira, o silfo aproximou-se e tirou-lhe o coração.

Levou-o ao céu e mostrou ao anjo que velava.

- É o nobre coração de um soldado que morreu pela Pátria, agradará?

- De certo, respondeu-lhe o anjo. Mas não é chegada ainda a vez de aqui subires. Volta e tens paciência.

Assim fez o silfo e foi correr países. Aí viu, na África, um bando de negros selvagens que supliciavam um missionário; o padre, moço ainda, estava amarrado a uma árvore. Tinha nos braços uma cruz e a cabeça pendida. Dezenas de flechas o crivaram no tronco que lhe servia de poste de sacrifício.

O silfo tomou a cruz e regressou veloz.

- É impossível que, desta vez, levando o símbolo da fé, manchado com o sangue de um mártir, não permita o anjo que eu penetre no Paraíso.

Mas enganava-se o pertinaz silfo, a dádiva foi muito bem recebida, mas foi-lhe vedada, ainda, a entrada.

Não desanimava o silfo e uma tarde voando sobre montanhas, para fugir de um vendaval acolheu-se numa gruta. Nela habitava um salteador que roubava os viajantes e até os massacrava se não pagavam resgate. Era temido por sua crueldade e vivia foragido na serra.

Nessa tarde, como de costume, o bandido saíra armado. O tempo estava ameaçador. De súbito, o salteador viu surgir entre as árvores uma criança. Estava perdida! Enganara-se e subira um córrego em vez de descer para o campo; ela não vira o salteador.

Este entesou o arco terrível; ajustou-lhe a flecha e apontou. A criança chegara ao meio da clareira. Era um menino, um guardador de cabras. Quando o bandido se dispunha a atingir, o menino ajoelhou-se e com as mãos ao peito e os olhos no céu, pôs-se a rezar.

A fisionomia da criança já não estava tão decomposta, parecia que a fé lhe dava forças. O silfo, invisível, do alto, contemplava a cena. O salteador sentiu que o arco afrouxava e que um não sei que lhe subia ao coração. Largou a seta e aproximou-se do garoto, vendo que este tremia, sossegou-o:

- Estás perdido?

A criança respondeu afirmativamente.

- Não receies. Guiar-te-ei até a estrada. Não dirás que me viste? Não?

- Não, Senhor.

O Salteador levou-o, carregando-o nos braços até perto do povoado onde o deixou.

O menino tomando-lhe às mãos, sem que o salteador o pudesse impedir, beijou-as com efusão, enquanto dizia:

- Obrigado, Senhor. Adeus.

- Oh! Exclamou para si o bandido, o garoto fez-me pena.

Ao chegar à gruta, o bandido sentiu-se comovido e isto percebeu o silfo que o acompanhava sempre.

O aspecto daquela criança rezando no meio dos penhascos, com tanta fé, perturbara a alma do perverso salteador das montanhas.

Sentiu dentro do peito uma onda enorme de remorso, de saudade dos tempos idos e chorou. Pelo rosto desciam-lhe as lágrimas, as primeiras lágrimas do arrependimento. Ajoelhou-se e pediu perdão!

O silfo viu aquele pranto e colheu uma lágrima.

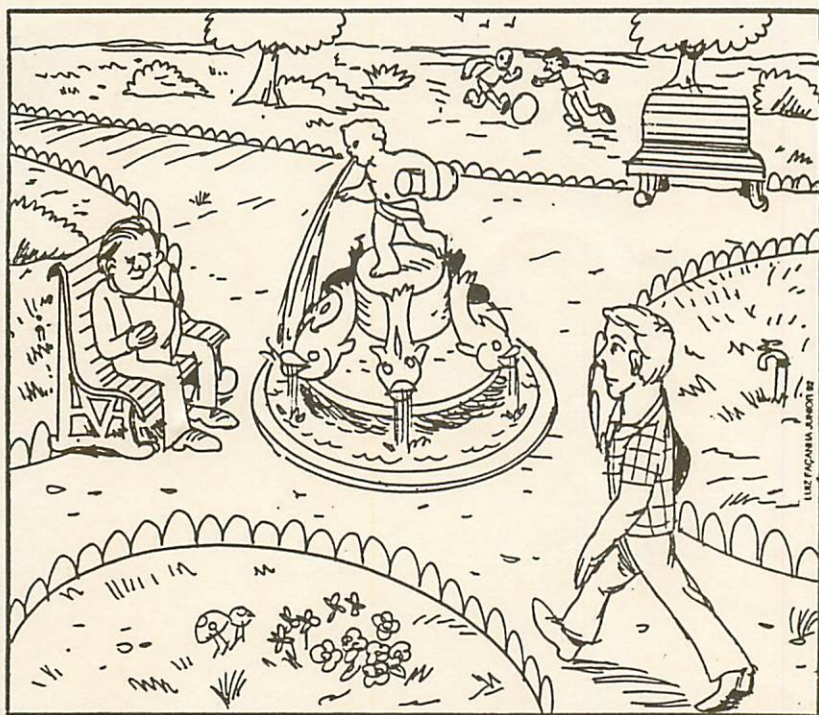
Contente, foi levá-la ao anjo e contou-lhe o que vira.

- Bem, podes entrar, disse o anjo abrindo o portão do Paraíso. Trouxeste-me uma dádiva rara e magnífica: a lágrima de um arrependido."

Esta história nos ensina que, primeiro: por pior que seja o homem, sempre há dentro dele algo de bom; segundo: que, muitas pessoas levam em seu interior uma criança que facilmente acorda e chora, quando agem contra seus princípios; terceiro: que a misericórdia divina é infinita, desde que o arrependimento da falta cometida seja sincero.

O poeta Augusto dos Anjos define bem aquele "algo" aquela "criança", que existia dentro da criatura humana e que a faz semelhante ao Criador:

"A carne é que é humana! A alma é divina:
dorme num leito de feridas, goza
o lódo, apalpa a úlcera cancerosa,
beija a peçonha e não se contamina!"



Origem da Chapada: História e Lenda

Dizem os historiadores que, provavelmente, por volta do meado do século XVIII, os religiosos que "em suas excursões evangélicas" visitavam os aldeamentos entre os quais o Geru, vindo principalmente da Vila do Espírito Santo e Santa Luzia, construíram na aldeia da Chapada, uma capela sob a invocação de São Francisco de Assis.

A documentação e os registros mais concretos sobre a formação do município da atual Cristinápolis só começam a aparecer a partir da criação da primeira escola pública, através da Lei Provincial 250, de 30.04.1849.

Pela Resolução nº 771, de 22.03.1866, foi criado o Distrito de Paz do povoado de Chapada. Em 12.04.1878, pela Resolução nº 1095, o povoado foi elevado à categoria de freguesia.

A Lei Provincial nº 1238, de 23.04.1882, elevou a Chapada à categoria de vila, com o nome de Vila Cristina, em homenagem à Imperatriz D. Thereza Cristina. O seu território foi desmembrado do município do Espírito Santo, hoje Indiaroba.

Em 1938, pelo Dec-Lei nº 69, de 28 de março, assinado pelo então Interventor Federal no Estado, Dr. Eronildes de Carvalho, a sede do município foi elevada à categoria de cidade. Pelo Dec-Lei nº 377, de 31.12.1943, revogado pelo de nº 533, de 07 de dezembro de 1944, ambos do Interventor Federal no Estado Cel. Augusto Maynard Gomes, passou a denominar-se, juntamente com o município-Cristinápolis.

Esta é a história de Cristinápolis, comprovada por documentos e registros pesquisados pelos historiadores.

Mas, como todos os acontecimentos históricos, o povo cria as suas lendas sobre o evento que não deixam de haver nelas algo verdadeiro. Assim, sobre a origem da Chapada, existem lendas. Quando criança ouvi uma delas contada por uma descendente dos "paiaíás".

Em tempos remotos um vaqueiro chamado Manuel, que servia aos frades franciscanos do "Convento" da freguesia do Espírito Santo, procurando umas rézes que haviam desgarrado do rebanho, atravessando o riacho "Saguim" e penetrando na mata, encontrou, após alguns dias de procura, um riacho onde teve de defender-se e matar uma grande Jibóia. Logo após a riacho, Manoel Vaqueiro alcançou uma chapada, onde descobriu uma aldeia indígena.

Procurando não ser visto pelos índios, Manuel Vaqueiro afastou-se do local, regressando ao "Convento", relatando aos frades o que havia descoberto.

Os missionários franciscanos logo providenciaram a evangelização dos índios da Chapada. Construíram uma capelinha coberta de palha, sob a proteção de São Francisco de Assis, onde a comunidade indígena reunia-se para ouvir os frades pregarem a Boa Nova. Dizia, ainda, a lenda, "que os índios da Chapada eram, por índole, pacíficos".

Tanto a história, como a lenda, provam que os primeiros missionários religiosos da Chapada foram os filhos do "Pobrezinho de Assis", apesar destes estarem mais afastados (Indiaroba) do que os jesuítas do Geru. Pode-se, assim, afirmar que o descobridor da Chapada, foi alguém (Manuel Vaqueiro?) que pertencia a área dos "franciscanos" e não dos "jesuítas".

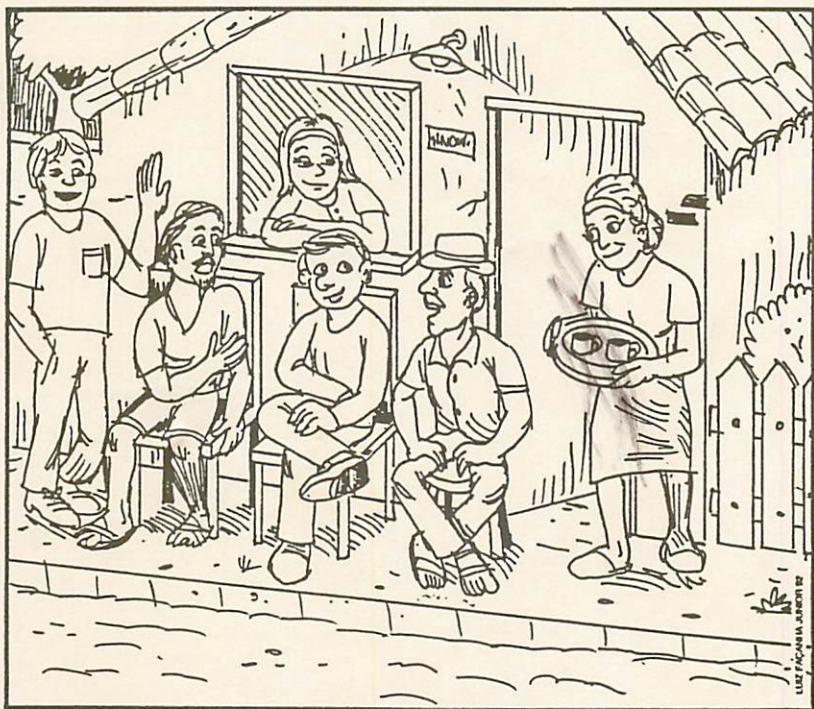
...

Pelos documentos históricos, a criação do município da Chapada, hoje Cristinápolis, ocorreu pela lei Provincial nº 1238, de 23.04.1882, quando recebeu o nome de "Vila Cristina" e "seu território foi desmembrado do município do Espírito Santo".

Portanto, o dia da emancipação de Cristinápolis é 23 de abril e não 28 de março, como encontra-se gravado na bandeira do município. 28 de março é a data da elevação da sede do município à categoria de cidade. Na época, não somente Vila Cristina, foi elevada à cidade, outras, como Salgado e Cedro, também as foram pelo então Interventor, Dr. Eronildes de Carvalho.

No caso da criação do município ter sido em 28 de março de 1938, como explicar a existência de Intendentes - denominação do Prefeito, antes da Constituição Federal de 1934 - em Vila Cristina? Em documentos existentes nos arquivos da própria Prefeitura de Cristinápolis estão descritos Atos e Leis assinados por Intendentes que administraram o município, como por exemplo: Adrião Cardozo de Araújo (1914 a 1916); João d'Oliveira Menezes (1917 a 1919); Hildebrando Araújo (1920 a 1922); Thomé de Freitas Ávila (1923 a 1925); David

Francisco de Oliveira (1926 a 1928); Antônio de Freitas Ávila (1929 a 1931); Zeuxis de Souza Maciel (1932 a 1934); e Oséias Batista Filho (1935 a 1938), que foi o primeiro a usar a denominação de Prefeito Municipal.



As Clãs da Chapada

Nos primeiros quarenta anos de século XX, ou seja há mais de cinquenta anos passados, o centro urbano de Vila Cristina e sua periferia, eram habitados por famílias, cujos descendentes pisam hoje com orgulho a terra que os viu nascer e que, também, fora berço de seus avós. Outras famílias emigraram para outras plagas, principalmente o sul da Bahia, onde um conterrâneo - Firmino Alves - fundou a cidade de Itabuna, hoje uma das mais importantes e belas cidades da "Boa Terra". Mas,

"Por mais que a gente se ausente
da Terra que nos gerou,
há sempre um pouco da gente
na saudade que ficou".

Sem desmerecer, portanto, os que saíram para tentar a sorte em outras pairagens, onde, com certeza, dignificaram a Terra Natal, desejo, nesta crônica, homenagear os que ficaram e ajudaram a construir a Cristinápolis de hoje.

Os **Monte Alegre**, de Joaquim Amâncio, pai de Joaquim Menino e avô de José, Odilon, Maria, Isolina e Noemia. Dedicaram-se as atividades comerciais.

Os **Reis**, do Professor Gustavo e de D. Tercila, com seus filhos: João, Alípio, Silvandira (Nenen), Luzia (Zizi), Palmira (Yáyá) e Júlio.

João Reis foi Secretário da Câmara e da prefeitura, seu irmão Alípio exerceu as funções de Escrivão da Justiça e seu filho Epaminondas foi Prefeito de Cristinápolis.

Os **Araújo**, de Manoel Catatau e D. Carolina, com seus filhos; Francisco, José, Antônio, José Eduardo, Otaviano, Nilo e Ana Josefa, devotaram-se à criação e à lavoura.

Os **Furtuna**, dos irmãos José e Rufino. José Furtuna casou-se com D. Aumira e são os pais de: Antônio, Olegário, Josias, Manuel, José Albino, Isaura e Rosa. Os membros desta família dedicaram-se à criação, à lavoura e ao comércio.

Os **Dias**, dos irmãos Pedro e Júlio. Pedro casou-se com D. Rosinha Fontes e tiveram os seguintes filhos: Raimundo, Francisco, Pedro, Ana, Maria, João e Caçula.

Júlio Dias e D. Maria Petronila foram os pais de: Astério, Berflo, Clotildes, José e José Neto. Os Dias foram excelentes criadores, lavradores e comerciantes.

"Seu" Geminiano e "Seu" José Isídio. "Seu" Geminiano deu a "Seu" "Isídio os netos: Erotildes, José, Maria, Isac, José Irmão, Jonas, Lourdes, Valdir, Valdete, Vilma e Vanda.

"Seu" José Isídio deixou os seguintes filhos do primeiro consórcio: Osvaldo, Artur, Nivalda, José, Jessé, Maria da Glória (Moça), Elza e Antônio. Os Oliveira dedicaram-se as atividades da lavoura principalmente do fumo e ao comércio. Alguns exerceram funções públicas. Osvaldo administrou o município de Cristinápolis, como seu Prefeito.

Os **Inácio**, dos irmãos Manoel e Antônio. Manuel Inácio deixou os seguintes filhos: José (Zeca), Manoel (Nezinho), Antônio e Sinhá.

Antônio Inácio foi pai de: Manoel, Maria, Francisca (esposa de "Seu" Agostinho), Joana, Josefa e Luiz. Os Inácio, exerceram atividades agrícolas e comerciais.

Os **Ferreira**, de "Seu" Ramiro e D. Maria e seus filhos; Maria, Matildes, José, Josefa e João. Foram agricultores e criadores. "Seu" Ramiro gostava de enfeitar o alpendre de sua casa com gaiolas de passarinhos e periquitos.

Os **Augusto**, dos irmãos Antônio Augusto e José. Antônio Augusto, conhecido por Agostinho casou-se com Francisca, filha de Antônio Inácio e tiveram os seguintes filhos: Francisco, Manuel, José, João, Marlene, Maria José e Maria. Os Augusto dedicam-se principalmente à agricultura. Alguns de seus membros exercem funções públicas.

Os **Rodrigues Nascimento**, dos irmãos Antonino e Domingos Apolinário. "Seu" Antonino casou-se com D. Alexandrina e foram pais de Antônia, Maria e Josefa.

"Seu" Domingos Apolinário casou-se com D. Maria Faria, sendo eles pais de: Olívia, Pedro, Cotinha, Rafael, Didi, Damião, Netinha e Sebastião.

Antônia, filha de Antonino e Alexandrina, casou-se com o alfaiate "Seu" Leonídio Lima dos Anjos e foram pais de: Rosa, José, Raquel, Manoel e Risete. A família dedicou-se às atividades agrícolas e comerciais.

Os **Bertô**, de "Seu" José Domingos e D. Bertolina, que deu o nome a família. São os representantes da raça negra na sociedade da Velha Chapada. Respeitados por todos pela sua retidão de princípios, "Seu" José Domingos e D.

Bertolina deixaram como herdeiros, seus filhos: Manuel, Dudê, Antônio (Cabinho), Zeca e Raimunda, esta funcionária competente da Prefeitura.

Os **Marôto**, de "Seu" Antônio e D. Urânia e seus filhos: João, George, Maria, Gildásio e Benjamim.

Os **Victor**, de "Seu" Victor seus filhos: João e Maria. Devotaram-se os Victor às atividades comerciais e agrícolas, principalmente ao plantio do fumo.

Os **Cotias**, de "Seu" Antônio e D. Inês, pais de: D. Maria, casada com "Seu" Augusto, Nêzinha, Pequinita e Yáyá. Uma família religiosa.

Os **Costa**, de Florisbello, "Seu" Belo e D. Sinhá com seus filhos: Arlita, Maneca, Mariah e Zito.

Os **Finim**, do oleiro Antônio.

Os **Dantas de Carvalho**, de "Seu" José Carvalho de Andrade, e sua esposa Alexandrina Dantas da Silva e de seus filhos: Maria casada com Zeca de Inácio; Lúcio, Adalberto (Betinho), João (Dãozinho), Ernesto e Francisco. Como a maioria das famílias da Chapada, os Dantas de Carvalho devotaram-se à lavoura e ao comércio.

Os **Thomás de Aquino**, de "Seu" Thomás e D. Maria Carlos de Aquino e seus filhos: Helena, Maria, José Rafael, José, João, José Novo, Manoel Messias, José Thomás, José Dantas, Antônio, Terezinha, Mariá e Maria Rita.

Os **Francisco da Silva**, de José Thomás de Aquino, conhecido como "Seu" José Raimundo e D. Isaura Francisco da Silva. Do casal nasceram os seguintes filhos: Laura, Dionísia, Josefa, Petronilo, Alberto, Francisco, Benício, Dominícia, Josefina, Maria, Jailda e Lúcio.

Haviam outras famílias, das quais guardei apenas os pré-nomes de seus chefes, como "Seu" Possidônio e "Seu" Ranulfo.

Juntando-se aos filhos da Terra, vieram de outros cantos para criar lares na Chapada, os Dantas da Gama (Manoel, Alípio, Pedro, Joaquim, Antônio, Otávio, Sinhazinha e Maria).

Os **Cavalcante**, de "Seu" Alfeu que casou-se com D. Filomena filha do Cel. Otávio de Souza Leite, foram pais de: Agnaldo, Stela (casada com Lourival Costa) e Abigail (casada com Maneca de "Seu" Belo).

Os **Machados**, vindos de Mangabeira, Umbaúba.

Os **Guimarães Moreira**, originários do Gerú e os **Propriá** procedentes do Norte do Estado.

Naturalmente omiti algumas famílias ou alguém.

Por esse lapso, peço desculpas aos leitores. É impossível memorizar, até os quase setenta anos que hoje possuo, todas as lembranças do garoto que há muito deixei de ser, mas persiste a viver e traquinar dentro do meu coração.

Capa e Ilustrações
Luiz Pinto Façanha Júnior

Editado pela
Associação Sergipana do Ministério Público



PROCURANDO SI RECEVERA IL CITT